



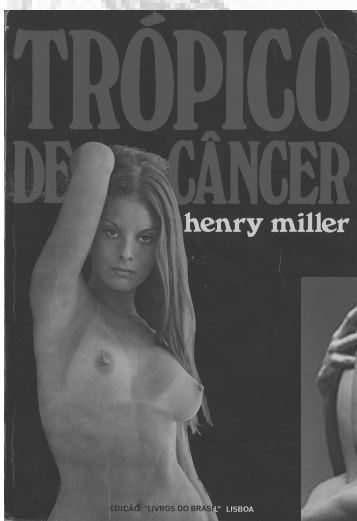
INSTITUTO
SUPERIOR
DE CONTABILIDADE
E ADMINISTRAÇÃO
DO PORTO

Mestrado em Tradução e Interpretação Especializadas

TROPIC OF CANCER *Ne doit pas être exposé
en étalage ou en vitrine.*

TROPIC OF CANCER

Análise Comparativa de Duas Traduções de *Tropic of Cancer* de Henry Miller



by
HENRY MILLER

Mestranda: Maria Eulália Pinto

Orientadora: Maria Helena Anacleto-Matias

Dezembro de 2009

NOT TO BE IMPORTED INTO GREAT BRITAIN OR U.S.A.

Índice

Agradecimentos	2
Objectivo	3
1. Introdução	4
2. Henry Miller – aspectos biográficos e bibliográficos.....	7
2.1. Henry Miller e a Geração Beat.....	14
2.2. Trópico de Câncer.....	15
2.3. Fernanda Pinto Rodrigues	18
2.4. Jorge Freire.....	21
2.5. Grafismo das capas das edições em análise.....	23
3. Contexto sociopolítico português em 1976	26
4. Análise literária comparativa	29
4.1. Diferenças de género.....	29
4.2. Marcas no texto	31
4.3. Citação introdutória.....	32
4.4. Análise contextual de alguns excertos.....	33
5. Comentário/ reflexão.....	52
6. Bibliografia	54
7. <i>Webgrafia</i>	56
8. <i>Filmes</i>	59
Anexo I	60
Anexo II	74
Anexo III	77

Agradecimentos

Esta dissertação resulta de um acto de pesquisa, análise e reflexão ao qual não poderei chamar de trabalho tal foi a satisfação que senti ao fazê-lo. No entanto, envolveu bastantes horas de esforço e empenho, e durante este tempo contei com o apoio incondicional de um grupo de pessoas a quem tenho de expressar os meus mais sinceros agradecimentos.

À professora e orientadora desta dissertação, Mestre Maria Helena Matias, pela receptividade, apoio, interesse e palavras de incentivo. Pelo tempo disponibilizado e pelas sugestões sempre proveitosas.

À professora Manuela Veloso pelo entusiasmo demonstrado aquando da apresentação da ideia durante as aulas de Metodologia da Investigação na Tradução, pela disponibilidade e sugestões.

Ao professor Manuel Silva, pelos ensinamentos preciosos no último semestre e por me ter ajudado a ter a certeza que é numa carreira de tradução que quero desenvolver a minha formação.

Um especial agradecimento à minha família, pais e irmã, que pelo tempo, dedicação, persistência me incentivaram desde o início a fazer sempre mais e melhor.

A todos os meus amigos, pela atenção e paciência, mas principalmente à cooperação de Andreia Sousa e Luís Moura, companheiros inseparáveis que sempre cultivaram o espírito de entreaajuda.

À restante turma do Mestrado, a todos sem excepção, pelas experiências e conhecimentos partilhados que me fizeram sentir que este era um caminho que não estava a percorrer sozinha.

A todos os colegas de trabalho pela curiosidade manifestada, mas sobretudo ao Engenheiro António Carrapatoso pelo interesse e por ter consentido a minha ausência durante a fase de conclusão desta dissertação. E por fim, mas não menos importante, ao Rui Cunha que prontamente me facultou a grande parte da bibliografia de suporte.

A todos, muito obrigada!

Objectivo

Com este trabalho pretende-se realizar um estudo comparativo de duas traduções para português da obra "*Tropic of Cancer*" de Henry Miller, originalmente escrita em inglês, reflectindo sobre a influência do contexto histórico, sociocultural e género do tradutor, analisando excertos da obra que evidenciam diferenças mais perceptíveis.

As duas bases de trabalho, para além do original do livro, são a tradução de Fernanda Pinto Rodrigues em 1976 (Livros do Brasil) e a recentemente editada de Jorge Freire em 2008 (Editorial Presença).

De forma a obter elementos suficientes que me permitissem elaborar um estudo completo e encorajante, a eleição desta obra como objecto de trabalho tem a ver com o seu carácter controverso, e de certa forma chocante dada a abordagem sexual explícita. Mas é sobretudo a crítica à sociedade puritana da época que surge diversas vezes sob a forma de humor e que obriga o leitor a desvendar nas entrelinhas a subtileza das suas intenções.

Todas as particularidades de *Tropic of Cancer* fazem das suas traduções, numa perspectiva comparativa, um produto digno de análise, capaz de se tornar interessante e singular.

1. Introdução

A tradução é um processo que surge naturalmente a partir do momento em que o Homem começou a comunicar. Emerge da necessidade que este sente de se fazer entender, mas sobretudo de compreender o que o rodeia, captando os signos e as mensagens.

Apesar de se estar perante um mundo globalizado, de fácil troca de informação e acesso simples a ferramentas de tradução automática, a verdade é que esta é muito mais imprescindível do que se julga, nomeadamente no caso da literatura.

Partindo do pressuposto que a maior parte dos indivíduos não domina as línguas estrangeiras, a tradução é a única forma de divulgação das obras entre os diferentes países. Assume portanto uma importância crucial na proximidade entre os povos e contribui activamente para o enriquecimento cultural da população.

Numa lógica simplista a actividade de tradução significa transpor um texto de uma língua para outra, a língua de partida e de chegada, mantendo o sentido e estilo do autor. Nesta mesma perspectiva pensar-se-ia que a partir da mesma base de trabalho, qualquer tradutor apresentaria o mesmo resultado, isto é, a partir de qualquer original, as traduções seriam iguais.

Efectivamente é uma visão ingénua porque a nova configuração linguística do original é o resultado da soma de inúmeros factores: a formação e experiência do tradutor; o seu domínio das línguas de trabalho; o momento em que foi traduzido; prazos de execução; grau de permeabilidade do tradutor, entre muitos outros.

Nenhuma tradução é igual a outra já que depende, para além destas condicionantes de uma factor único e que torna cada tradução num produto exclusivo: a interpretação que o tradutor faz do original.

Este é o primeiro receptor do texto original, e como tal, assimila-o à sua maneira, condicionado pelas suas características pessoais. Como enunciado por Francis Aubert:

*No âmbito do ato tradutório, porém, esse Receptor –
Tradutor terá uma atitude diversa da do “leitor comum”. Nesse
papel, a sua leitura [...] tenderá a constituir uma primeira*

exploração dos problemas de ordem lingüística (estilo, terminologia etc.) e factual que a tarefa de traduzir o texto em questão lhe irá impor. (Aubert: 26)

O desbravar destes “problemas” é um desafio de ordem subjectiva e vem clarificar o papel do tradutor enquanto “inventor” de um novo texto.

Colocam-se questões pertinentes como em que medida tradutores diferentes, mantendo a obrigatoriedade de serem fiéis ao original, produzem um texto que em tudo obedece ao texto de partida?

A mesma base origina resultados diferentes em função dos factores já referidos, mas a análise dos diferentes pontos de vista é exequível?

A análise comparativa das duas traduções de *Tropic of Cancer* responde a estas questões, comprovando que é possível elaborar textos diferentes na forma, mas iguais no conteúdo.

Enquadradas no mesmo período literário em Portugal, do neo-realismo, as duas traduções são também um produto da época correspondente. A de Fernanda Pinto Rodrigues, em 1976 surge logo após a Revolução de 25 de Abril, numa altura em que os portugueses celebravam ainda a conquista da liberdade de expressão. E a tradução de Jorge Freire, contemporânea, quebra algumas barreiras e “luta” contra preconceitos que tendem a persistir.

O original, *Tropic of Cancer* está temporalmente inserido numa altura que medeia entre a I Guerra Mundial e a Era Vietnamita. Este período considerado da Literatura Moderna, entre 1914 e 1965 é marcado pela herança deixada por vários autores como Ernest Hemingway, William Faulkner ou James Baldwin.

Tanto esta, como outras obras de Miller reflectem a singularidade deste estilo incorporado na literatura erótica, aliás, é considerado actualmente um grande clássico do género. Aliás, aquando da tomada de decisão acerca dos livros a escolher para elaborar esta dissertação, este foi um factor determinante.

Quanto mais polémico e descarado o original fosse, mais possibilidades haveria de discorrer acerca do modo que cada tradutor encontrou para contornar o que está socialmente imposto.

Um romance dito convencional, com uma linguagem não susceptível de chocar os leitores seria também uma óptima base de trabalho, mas provavelmente menos

aliciante e não tão rica em diferenças bastante nítidas quanto às escolhas dos tradutores.

Este é pois um trabalho por si só também muito subjectivo no que diz respeito à interpretação que faço da própria interpretação dos tradutores. Ou seja, as razões das suas escolhas também estão sujeitas à minha percepção, por isso, as conclusões retiradas podiam variar se fossem objecto de análise de outras pessoas.

2. Henry Miller – aspectos biográficos e bibliográficos

Henry Valentine Miller nasceu a 26 de Dezembro de 1891 de pais alemães, Heinrich Miller e Louise Marie Neiting, em Yorkville, Manhattan, cidade de Nova Iorque.

Durante os seus primeiros anos viveu em Brooklyn, ou melhor nas ruas de Brooklyn já que era este o ambiente que privilegiava. Trabalhou como alfaiate juntamente com o pai, e foi graças a esta experiência que desenvolveu o gosto por roupas elegantes. Aliás, Henry Miller apresentava sempre uma imagem muito bem cuidada.

Desde cedo se viu envolvido em actividades políticas, integrando o Partido Socialista. Em 1909 terminou o ensino secundário e chegou ainda a frequentar o *City College of New York*, mas nem sequer durante um semestre. Apesar de ser um excelente aluno, era incapaz de se adaptar ao sistema de ensino tradicional e à rotina académica, o que o levou a passar por diversas ocupações e empregos mais tarde.

Aos 26 anos, Henry Miller conheceu e casou com Beatrice Sylvas Wickens, uma pianista, tendo esta sido a primeira de cinco esposas.

Começou a escrever apenas por volta dos 30 anos (1921), o que será um pouco tarde para um escritor, e desde logo se destacou pela forma surrealista como criava os seus romances: eram um misto de abordagem auto-biográfica, de romance e de crítica social.

Entre 1928 e 1929 Miller e a sua segunda esposa June Edith Smith, uma ex-dançarina de cabaré, passaram alguns meses em França, na cidade de Paris. Mas foi passado um ano que Miller se mudou definitivamente e sozinho para esta cidade onde escreveu “Trópico de Câncer”, sendo o título original “*Tropic of Cancer*”, editado em 1934 pela Obelisk Press. June Smith é referenciada neste livro representada pela personagem Mona, de quem o autor recebia também ajuda monetária. Aliás, era presumível que este livro fosse uma exaltação de Mona, enaltecendo as suas qualidades enquanto esposa e mulher.

Tornou-se amigo de outros escritores importantes como o austríaco Alfred Perlès (relação que inspirou o livro *Dias tranquilos em Clichy*), Lawrence Durrell e Anaïs Nin, vivendo da simpatia e generosidade destes e de outros amigos.

Anaïs Nin, também escritora, financiou a primeira edição de *Tropic of Cancer*, e acabaria por se tornar amante de Miller. Esta relação inspirou o famoso filme de 1990 *Henry and June*, realizado por Philip Kaufman baseado nos escritos do diário de Anaïs (ver Anexo III).

Caracteriza o triângulo Henry, June e Anaïs no ano de 1931 enquanto o autor atravessa o processo de criação do seu primeiro romance. Um filme de género dramático com um notável elenco de actores: Fred Ward interpreta o papel de Henry Miller, Uma Thurman é June Smith e Anaïs Nin é a portuguesa Maria de Medeiros. Esta última é uma jovem casada em busca de sensações libertadoras a nível sexual que o marido é incapaz de lhe proporcionar, até que conhece Henry. Os dois acabam por se envolver e Anaïs inicia o processo de exploração da sua sexualidade e aceitação dos desejos até então reprimidos.

Todos os seus pensamentos, confissões e encontros com Henry são narrados em pormenor nos diários editados de Anaïs Nin.

O período vivido em Paris foi altamente produtivo para Miller, que chegou a trabalhar como revisor de texto na publicação francesa do *Chicago Tribune*, jornal de grande tiragem, facto que se deve a Alfred Perlès. Este chegou mesmo a consentir que alguns artigos escritos por Miller fossem editados sob a sua assinatura.

Regressou aos Estados Unidos em 1940 após a eclosão da 2ª Guerra Mundial, e instalou-se em Big Sur, na Califórnia. Aqui casou-se com Janina Martha Lepska, com quem teve dois filhos: Tony e Valentine. Mais tarde, em 1953 casou-se com Eve McClure de quem se divorciou em 1960.

A sua última esposa foi Hiroko Tokuda com quem esteve 10 anos (de 1967 a 1977).

Continuou o seu processo criativo que abrangia a pintura, muitos dos seus quadros podem ser vistos hoje nos museus: Henry Miller Museum of Art, no Japão, e Henry Miller Art Museum em Big Sur.

Os últimos anos foram vividos quase como que em introspecção, e foi noutra região da Califórnia, em Pacific Palisades que faleceu em casa a 7 de Junho de 1980. Uma das notícias que deu a conhecer a sua morte consta no *New York Times* de 8 de Junho desse mesmo ano, cujo título consta no Anexo I desta dissertação (é

possível ler a totalidade da notícia se for feito um registo no sítio web e mediante pagamento de uma mensalidade).

Após ter sido cremado, as suas cinzas foram espalhadas por Big Sur.

Ainda que muitas críticas ao seu valor como escritor literário tenham sido feitas, ele é indubitavelmente um dos maiores *best-sellers* do século.

Eis a lista das obras de Miller mais marcantes: (Nota: Algumas delas acompanhadas de elementos informativos impossíveis de encontrar para todas as obras.)

1. *Tropic of Cancer*, Obelisk Press, 1934

2. *Aller Retour New York*, Obelisk Press, 1935

Durante o tempo que esteve em Paris, Miller visitou os Estados Unidos em 1935, cujas reflexões e passagens descreve neste livro, escrito entre *Tropic of Cancer* e *Tropic of Capricorn*. Última edição em 2007 pela Hesperus Press Ltd, em Inglês.

3. *What are you going to do about Alf?*, 1935

Os custos da publicação deste livro foram suportados pelo próprio Henry Miller com os lucros da venda de *Tropic of Cancer*, e trata essencialmente da vida de Alfred Perlès em Paris.

As pesquisas levadas a cabo para encontrar uma tradução portuguesa foram infrutíferas, já que não foram encontrados resultados positivos, o que quer dizer que porventura não terá sido feita ainda.

4. *Black Spring*, Obelisk Press, 1936

Colectânea de memórias da infância e juventude do autor em Brooklyn até dias passados em Paris. Tal como *Tropic of Cancer* também *Black Spring* foi proibido nos Estados Unidos da América durante três décadas.

A última edição em inglês foi em 2009 pela Oneworld Classics. Em 2008 foi editado em espanhol pela editora Edhasa, e antes disso em 1968 foi editada em português do Brasil, cuja tradução esteve a encargo de Aydano Arruda.

5. *The Cosmological Eye*, 1939

É uma colecção que reúne várias histórias pequenas retiradas de *Black Spring* (1936) e *Max and the White Phagocytes* (1938) que foram escritas quase simultaneamente com *Tropic of Capricorn*. Retrata o período que Miller e Durrel vivido em Paris.

Existe uma tradução para Português com o título “O Olho Cosmológico” cuja última edição data de 1999 pela Editorial Estampa, tradução de H. Silva Letra.

6. *Tropic of Capricorn*, Paris: Obelisk Press, 1939

É considerado um livro semi-autobiográfico, ou seja, ficcional, pois existem semelhanças entre as experiências do autor e do narrador. Escrito depois de *Tropic of Cancer*, também foi proibido nos Estados Unidos da América até 1961. O narrador sente-se portanto preso às convenções estabelecidas e vê-se condenado a ser mais uma “peça do sistema”.

Em Fevereiro de 2009 foi editada nova tradução por Jorge Freire, pela Editorial Presença.

7. *The World of Sex*, 1940

O autor aborda a condição humana neste livro que é reescrito em 1957.

8. *The Wisdom of the Heart*, Nova Iorque: New Directions, 1941

Originalmente editado pela New Directions Publishing Corporation, o autor fala da sua própria filosofia de vida, de artistas e escritores, de visionários e profetas. Existe uma tradução para português (do Brasil) de “A sabedoria do coração” feita por Lya Wyler de 1986, e a editora é L&PM.

9. *The Colossus of Maroussi*, 1941

É um livro sobre a Grécia aquando da visita de Henry Miller ao seu amigo Lawrence Durrell e é considerado pelo próprio como o seu melhor livro. Na altura da II Guerra Mundial, o autor capta a essência do povo grego que descreve durante as viagens que faz.

10. *Sunday after the War*, Nova Iorque: New Directions, 1944

11. *Murder the Murderer*, 1944

12. *The Angel is my Watermark*, 1944

13. *The Plight of the Creative Artist in the United States of America*, 1944

14. *Semblance of a Devoted Past*, 1944

15. *The Air-conditioned Nightmare*, 1945

16. *Henry Miller Miscellanea*, 1945

17. *The Amazing and Invariable Beauford Delaney*, 1945

18. *Maurizius Forever*, 1946

19. *Of, By and about Henry Miller*, 1947

20. *Remember to Remember*, 1947

21. *Varda, The Master Builder*, 1947

22. *The Smile at the Root of the Ladder*, 1948
23. *Sexus*, 1949
24. *The Waters Reglitterized*, 1950
25. *Rimbaud*, 1952
26. *The Books in my Life*, 1952
27. *Plexus*, 1952
28. *Nights of Love and Laughter*, 1955
29. *A Devil in Paradise*, 1956
30. *The Time of the Assassins*, 1956
31. *Quiet days in Clichy*, 1956

É um livro em que Henry Miller registra a nostalgia dos anos que viveu em Paris.

32. *Big Sur and the Oranges Hieronymus Bosch*, 1957
33. *The Red Notebook*, 1958
34. *Art and Outrage*, 1959
35. *The Henry Miller Reader*, 1959 (ed. by L. Durrell)
36. *The Intimate Henry Miller*, 1959
37. *To Paint is to Love Again*, 1960

38. *Nexus* (Terceiro livro de *The Rosy Crucifixion*), Paris: Obelisk Press, 1960

Descrição da vida do autor antes de conhecer Paris, é o culminar da trilogia Rosa Crucificação, que levou cerca de 20 anos a completar.

39. *Stand Still like a Hummingbird*, 1962
40. *Joseph Delteil*, 1962
41. *The Michael Fraenkel-Henry Miller correspondende called Hamlet*, 1962
42. *Just wild about Harry*, 1963
43. *A Private Correspondence*, 1963
44. *Greece*, 1964
45. *Letters to Anais Nin*, 1965
46. *Rosy Crusifixion* (*Sexus*, *Plexus*, *Nexus*)
47. *Journey to an Antique Land*, 1965
48. *Selected Prose*, 1966
49. *Insomnia or the Devil at Large*, 1966
50. *Order and Chaos chez Hans Reichel*, 1966
51. *Collectors Quest*, 1968
52. *Writer and Critic*, 1968

53. *Entretiens de Paris avec Georges Belmont*, 1970
54. *On Turning Eighty*, 1972
55. *My Life and Times*, 1972
56. *Reflections in the Death of Mishima*, 1972
57. *First Impressions of Greece*, 1973
58. *Letters of Henry Miller and Wallace Fowlie*, 1974
59. *The Nightmare Notebook*, 1975
60. *Flashback*, 1976
61. *Gliding into the Everglades and other Essays*, 1976
62. *The Ineffable Frances Steloff*, 1976
63. *J'suis pas plus con qu'un autre*, 1976
64. *Our America*, 1976 (com A. Rattner)
65. *Henry Miller's Book of Friends*, 1976
66. *Four Visions of America*, 1977
67. *Sextet*, 1977
68. *Henry Miller: Years of Trial and Triumph*, 1978
69. *Love Between the Sexes*, 1978
70. *My Bike and other Friends*, 1978
71. *The Theatre and other Pieces*, 1979
72. *Joey*, 1979
73. *Notes on Aaron's Rod and other notes on Lawrence from the Paris notebooks*, 1980
74. *The World of Lawrence*, 1980
75. *Henry Miller Reader*, 1983
76. *From your Capricorn Friend*, 1984
77. *Dear, Dear Brenda*, 1986
78. *Letters from Henry Miller to Hoki Tokuda Miller*, 1986
79. *A Literate Passion*, 1987
80. *The Durrel-Miller Letters, 1935-1980*, 1988
81. *Henry Miller's Hamlet Letters*, 1988
82. *Letters to Emil*, 1989
83. *Henry Miller – The paintings*, 1991
84. *Nothing but the Marvelous*, 1991
85. *Crazy Cock*, 1991

86. *Moloch*, 1992
87. *Henry Miller*, 1992
88. *A Devil in Paradise*, 1993
89. *Henry Miller and James Laughlin*, 1995
90. *Opus Pistorum*, Nova Iorque: Grove Press, 1983

É o título original do livro *Under the Roofs of Paris* e é uma novela pornográfica. Editora Dom Quixote, tradução de José Jacinto da Silva Pereira, cuja última edição data de 2002.

2.1. **Henry Miller e a Geração Beat**

Beat Generation é a expressão atribuída pelo escritor Jack Kerouac (1922-1969), autor de *On the Road* (tradução portuguesa *Pela Estrada Fora*) que caracteriza um grupo de escritores americanos activos dos anos 50 que se destacaram pelo movimento literário divergente que criaram.

A atribuição desta expressão deriva exactamente do significado de *beat* – cansaço, derrota – sentimento comum a estes escritores que se sentiam desacreditados da sociedade e da oportunidade de virem a ter uma carreira de sucesso. Viviam momentos de instabilidade, viajavam bastante (aproveitando boleias) porque não suportavam a rotina de permanecerem muito tempo no mesmo lugar.

Entre esta geração de escritores está Henry Miller, considerado como pai espiritual dos *beatniks* assim como Walt Whitman, poeta, jornalista e humorista (1819-1892), Norman Mailer, romancista, dramaturgo e ensaísta (1923-2007) ou William S. Burroughs, escritor e pintor, (1914-1997).

Definitivamente caracterizados pela independência, libertinagem e pela vida sem regras, estes artistas rejeitavam o intelectualismo e a obediência aos valores da classe média. Arrebatados pelas experiências de liberdade sexual, uso de drogas e álcool e influenciados pelo estilo musical jazz criaram um género de prosa e poesia divergente, com uma linguagem obscena que desafiava todas as estruturas então definidas. Tanto Miller como outros autores desta época e dos que se seguiram, não repeliavam os seus sentimentos nem a verdadeira essência dos seus desejos, e por isso se expressavam de uma forma que chegava a ser chocante.

O visionário Henry Miller e as suas obras revelaram-se grandes influências para a *Beat Generation*, já que lhes abriu caminho para uma nova corrente e pensamentos literários.

2.2. *Trópico de Câncer*

"This is not a book, in the ordinary sense of the word. No, this is a prolonged insult, a gob of spit in the face of Art, a kick in the pants to God, Man, Destiny, Time, Love, Beauty..."

Tropic of Cancer, 1934:3

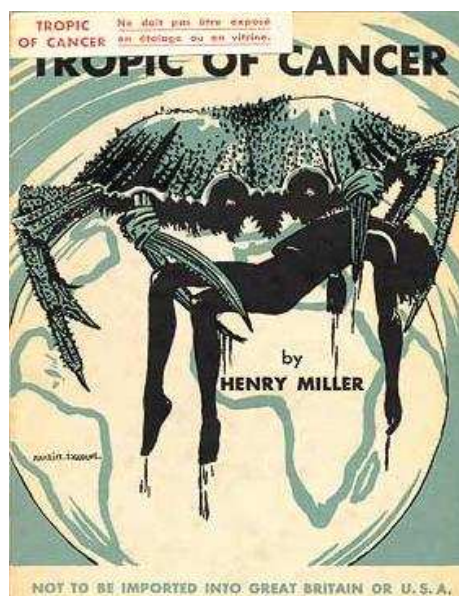


Figura 1 Capa da 1ª Edição de *Tropic of Cancer* em 1934

"*Tropic of Cancer*" escrito em 1934¹ abre o caminho de Miller como um escritor extraordinário, aclamado pelo ritmo alucinante que descreve as suas experiências, mas também por ter sido um defensor da liberdade e da revolução sexual.

Durante 30 anos, "*Tropic of Cancer*" esteve proibido nos Estados Unidos da América e noutros países de língua inglesa, pois a sua linguagem era considerada obscena e pornográfica, sendo só em 1964 permitida a publicação depois de uma complexa acção judicial entre a editora Grove Press e o Supremo Tribunal. O advogado de defesa da editora, Elmer Gertz acabou por inclusivamente se tornar um grande amigo de Henry Miller.

Algumas notícias do jornal *New York Times* que referem a decisão do tribunal em permitir a edição da obra podem ser consultadas no Anexo I desta dissertação.

¹ Período bastante conturbado a nível económico nos EUA e restantes economias mundias, devido à grande depressão dos anos 30.

“*Tropic of Cancer*”, escrito na primeira pessoa, relata as experiências do autor durante o tempo que voluntariamente viveu expatriado em França, relatando os seus encontros com várias prostitutas, o seu esforço de subsistência e as experiências numa cidade que aos seus olhos reunia o melhor e o pior de uma cidade europeia – a beleza soberba da cidade luz contrastava com a decadência a pobreza de parte dos seus habitantes.

É esta visão crítica e envolvente do autor sobre o ambiente em que viveu que torna a leitura do romance tão fascinante. Na verdade, Henry Miller estava como que apaixonado pela cidade de Paris e conseguia senti-la de forma completamente diferente de outros artistas na mesma condição que ele, como por exemplo Ernest Hemingway (1891-1961).

Para além de apaixonado pela cidade, Miller era peculiarmente atraído por mulheres, para além de fisicamente, ele sentia-se apaixonado por cada uma delas, pelo que de mais belo elas ofereciam. Em cada passagem da obra que descreve as suas relações amorosas, ocasionais ou duradouras, o autor enaltece o pormenor que mais o deleita, podia ser ora uma parte íntima do corpo ou uma característica da personalidade dessa mulher.

Por exemplo, uma das mulheres com quem se encontra é *Germaine*, uma prostituta que merece uma exposição pormenorizada de Miller, que respeita todas as mulheres que se dedicam a esta profissão, isto é, vê em cada uma delas algo a destacar e enaltecer. Neste caso como detentora de um tesouro.

«As she stood up to dry herself, still talking to me pleasantly, suddenly she dropped the towel and, advancing toward me leisurely, she commenced rubbing her pussy affectionately, stroking it with her two hands, caressing it, patting it, patting it. There was something about her eloquence at that moment and the way she thrust that rosebush under my nose which remains unforgettable; she spoke of it as if it were some extraneous object which she had acquired at great cost, an object whose value had increased with time and which now she prized above everything in the world. Her words imbued it with a peculiar fragrance; it was no longer just her private organ, but a treasure, a magic, potent treasure, a God-given thing (...) she

cupped it with her hands and stroked it some more, murmuring all the while in that hoarse, cracked voice of hers that it was good, beautiful, a treasure, a little treasure. And it was good, that little pussy of hers!»

Tropic of Cancer, 1934:25

Como é possível depreender pela leitura deste excerto, o sexo é abordado sem qualquer espécie de preconceito, e tantos outros temas como os vícios e o degrado duma sociedade boémia. Apesar do desespero de viver sem rendimentos e de ver a sua carreira como escritor e pintor estagnada, Miller apresenta um romance de carácter autobiográfico relatando momentos de extrema alegria, durante as descobertas que vai fazendo sem perder a verdadeira essência da sua pessoa. E mesmo sob as condições precárias em que vivia, simplesmente com algum dinheiro enviado pela esposa a partir dos Estados Unidos, o autor sente-se feliz e chega a afirmar “*I have no money, no resources, no hopes. I am the happiest man alive*” 1934: 3.

É graças a toda esta experiência que Henry Miller redescobre a sua vocação e talento, e torna o seu primeiro romance na sua obra libertadora na medida em que o redigiu de forma sincera, revelando os seus pensamentos e receios mais íntimos. Aliás, o autor enfatiza muito mais as suas imperfeições que as qualidades.

A sinceridade com que este artista descreve os seus dias em Paris desempenha um papel de arma defensora, como se ninguém o pudesse acusar de seja o que for porque está exteriorizar o que sente. E quando se diz a verdade, quando se é genuíno de sentimentos, não faz sentido ser acusado de devassidão nem impureza.

É assim colocado numa posição delicada: os leitores de “*Tropic of Cancer*” iriam julgá-lo pelo que estavam a ler, correndo o risco de não o compreenderem e mesmo até de não o adoptarem enquanto escritor.

Mesmo actualmente, alguns autores consideram-no um livro pornográfico, embora na maior parte das referências, este romance esteja incluído na categoria de Literatura Erótica como um clássico.

2.3. **Fernanda Pinto Rodrigues**

Fernanda Pinto Rodrigues, tradutora contemporânea, foi já distinguida várias vezes pela qualidade das suas traduções. Recebeu o Prémio Especial Tradução, 1ª Edição em 2008, atribuído pela Booktailors – Consultores Editoriais; o Grande Prémio da Tradução em 1995 atribuído pelo P.E.N. Clube Português (Poetas, Ensaístas e Novelistas), pela tradução de *O Fantasma de Harlot*, de Norman Mailer, em 1994. Foi também premiada com o Prémio de Tradução da Sociedade de Língua Portuguesa, Prémio da Associação Portuguesa de Tradutores e Finalistas do Prémio Europeu de Tradução.

A tradução de *Tropic of Cancer* por Fernanda Pinto Rodrigues conta com duas edições: a primeira em 1976 e a segunda em 2002 (desde esta altura, a última oportunidade para a obter foi através da colecção Mil Folhas, do Público). De entre as muitas traduções concluídas até agora, destacam-se as seguintes:

- *Regresso das Estrelas / Powrotz Gwiazd*, Europa-América, 1961
- *A Astronave da Esperança / Edmund Cooper*, Livros do Brasil, 1964
- *A Guerra Contra o Rull / A. E. Van Vogt*, Livros do Brasil, colecção Argonauta, 1965
- *2000: Anos de Terror / Charles Eric Maine*, 1965
- *O mundo que nos espera / Farnham's Freehold*, Livros do Brasil, 1967
- *Revolta na Bounty / Sir John Barrow*, Europa-América, 1972
- *Frankenstein / Mary Shelley*, Estampa, 1972
- *A guerra dos abismos / Fernand Lambert*, Europa-América, 1973
- *Contos / Ernest Hemingway*, Livros do Brasil, 1975 (tradução conjunta de Fernanda Pinto Rodrigues e Alexandre Pinheiro Torres)
- *A Raça Futura / Edward Bulwer-Lytton*, Minerva, 1977
- *A primeira investigação de Poirot, O adversário secreto / Agatha Christie*, Livros do Brasil, 1981
- *Um casamento apropriado / Doris Lessing*, Livros do Brasil, 1983
- *A terceira vaga / Alvin Tofler*, Livros do Brasil, 1984

- *As Crisálidas* / John Wyndham, Caminho, 1985
- *Contacto* / Carl Sagan, Gradiva, 1985
- *Jacintos-de-Água* / Chelsea Quinn Yarbro, Caminho, 1985
- *Descoberta de si próprio* / Vladimir Savchenko, Caminho, 1988
- *Olá América* / J. G. Ballard, Editorial Caminho, 1989
- *O Hobbit* / J. R. R. Tolkien, Europa-América, 1997
- *O Senhor dos Anéis – A Irmandade do Anel* / J. R. R. Tolkien, Europa-América, 1997
- *O Senhor dos Anéis – As Duas Torres* / J. R. R. Tolkien, Europa-América, 1998
- *O Senhor dos Anéis – O Regresso do Rei* / J. R. R. Tolkien, Europa-América, 1998
- *A Mulher do Viajante do Tempo* / Audrey Niffenegger, Presença, 2004
- *O grande jogo* / David Almond, Presença, 2004
- *A Conspiração Contra a América* / Philip Roth, Dom Quixote, 2005
- *O Sonho Mais Doce* / Doris Lessing, Editorial Presença, 2007
- *Os filhos de Húrin* / J. R. R. Tolkien, Europa-América, 2007
- *Os anos* / Virginia Woolf, Editorial Presença, 2008
- *O estranho caso de Benjamin Button* / F. Scott Fitzgerald, Editorial Presença, 2009
- *A Dádiva* / Toni Morrison, Editorial Presença, 2009

Numa tentativa de entrar em contacto com Fernanda Pinto Rodrigues, enviei várias mensagens por correio electrónico à editora Livros do Brasil que não chegaram a ter resposta. Seria minha intenção perscrutar a tradutora sobre das suas motivações para traduzir “*Tropic of Cancer*”, principais desafios e dificuldades, e outras informações que poderiam complementar esta dissertação.

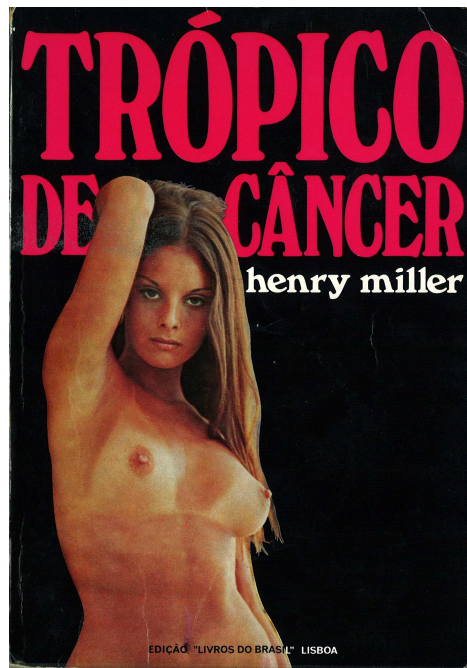


Figura 2 Capa de Manuel Dias da Edição de 1976

2.4. Jorge Freire

No *site* da editora Editorial Presença, responsável pela recente edição de “O Trópico de Câncer”, consultado a 11 de Abril de 2009, Jorge Freire refere-se ao seu trabalho de tradução afirmando "*Pretendi manter-me fiel ao estilo do autor, e, tendo em conta que a obra possui uma forte veia autobiográfica e uma energia e um imediatismo muito fortes, tentei equilibrar a linguagem literária e cuidada com o tom oral do texto, não separando tão claramente, como noutras obras, a linguagem narrativa e a de diálogo.*"

Segundo informações recolhidas na mesma fonte, Jorge Freire está actualmente a traduzir outra obra de Miller – *Trópico de Capricórnio*.

Tendo traduzido já algumas obras, destacam-se as seguintes:

- *O traficante / Robert Muchamore*, Porto Editora, 2007
- *Segurança máxima / Robert Muchamore*, Porto Editora, 2007
- *O recruta / Robert Muchamore*, Porto Editora, 2007
- *O golpe / Robert Muchamore*, Porto Editora, 2008
- *Oswald e o fim do mundo / Andrew Strong*, Presença, 2008
- *Dias tranquilos em Clichy / Henry Miller*, Presença, 2009

Tentei igualmente contactar o tradutor através dos mesmos meios, contactando a editora Presença, o que se revelou infrutífero até ao momento, visto ainda não ter obtido resposta.

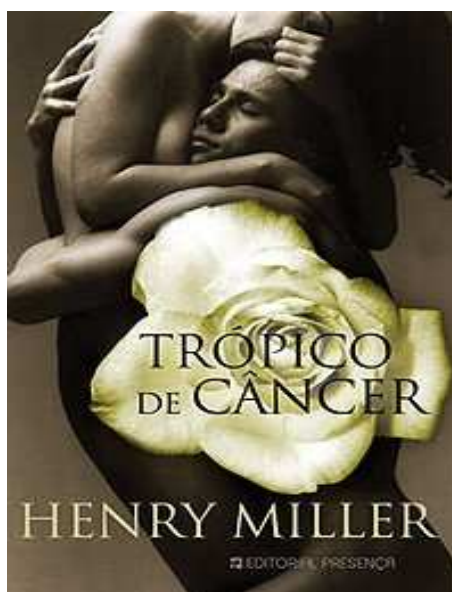


Figura 3 Capa de Ana Espadinha Edição de 2008

2.5. Grafismo das capas das edições em análise

É comum ouvir-se dizer que uma imagem vale mais que mil palavras, e no caso da literatura a ilustração da capa constitui efectivamente uma parte imprescindível do produto, como âncora visual. Os leitores sentir-se-iam atraídos pelo livro da mesma maneira se a capa fosse apresentada contendo apenas um título?

«Não se deve julgar um livro pela capa» é uma verdade incontornável, no entanto, o valor da imagem, das cores, do tipo de letra usado, são aspectos que encaminham o interesse dos leitores pelo livro.

Até a Bíblia, livro sagrado mais vendido em todo o mundo, é editada com imagens, por exemplo, quando direccionada para o público-alvo infantil.

Para além dos livros, tantos outros produtos são adquiridos não pela necessidade que os indivíduos sentem, mas pela atracção que desenvolvem pelo aspecto como são oferecidos. Estes produtos depositam na sua embalagem o poder de convencer o cliente que poderá beneficiar da sua compra ou uso.

A transversalidade desta reflexão é ampla se se imaginar por exemplo que o mesmo se verifica ao nível das relações interpessoais, ou seja, o vestuário que serve sobretudo de protecção do corpo, é simultaneamente objecto de moda e definição de estilos. Será que o ser humano é capaz de ignorar o aspecto exterior do outro e admirar desinteressadamente a sua essência? Se assim fosse, concepções como preconceito e discriminação não fariam sentido no seio da sociedade moderna.

Em princípio a capa tem um propósito central que é o de proteger o livro, mas na realidade serve como factor publicitário em harmonia com o tema, manifestando a criatividade de quem a elabora, apesar da autonomia desta arte. É um recurso excelente para o leitor entender a história, principalmente quando, para além da capa, o livro contém imagens que acompanham o desenrolar da acção e o guiam.

A análise comparativa das duas traduções de *Tropic of Cancer* passa também pela capa dos livros como primeiro elemento visual com que o leitor entra em contacto, como se se tratasse de uma nota introdutória. A imaginação do leitor é motor que move o seu grau de envolvimento nesta narrativa, mas não deixa de ser influenciado pela imagem de apresentação.

As diferenças entre as duas capas são bem notórias, reflectem na perfeição a mudança dos hábitos de consumo dos últimos tempos, e tanto uma como a outra enquadram-se no estilo vigente da época.

A capa de Manuel Dias da edição de 1976, **Figura 2**, exhibe a imagem do busto despido de uma mulher numa pose que inspira voluptuosidade, sobre um fundo preto conjugado com a cor do título em vermelho. O negro do fundo denota ausência de luz, e não tanto uma cor propriamente dita, o vermelho é uma cor quente e é correlacionada com o elemento Fogo, simbolizando o amor, a paixão e o desejo.

A imagem desta capa induz o leitor para o carácter pornográfico do livro, aliás, é uma imagem típica de capas de filmes do género, bastante vulgar na altura da sua edição. Ao olhar para a imagem em análise inevitavelmente apetece afirmar: «Não se deve julgar um livro pela capa».

São temas patentes em *Trópico de Câncer* e portanto o possível leitor facilmente entende a natureza da narrativa através da subtileza da imagem de apresentação.

Mas mais subtil ainda é a capa da **Figura 3** de Ana Espadinha, da edição de 2008 que surge com uma tonalidade sóbria, com uma apelativa fotografia sépia de um casal despido, num abraço que transmite sentimentos de profunda união e entendimento. Em relevo surge uma rosa a desabrochar que por si só simboliza o amor. A cor desta flor é susceptível de criar alguma confusão porque não é totalmente branca e tem traços da cor amarela. As duas têm significados diferentes e curiosamente opostos: a rosa branca geralmente está associada à pureza, à inocência, ao silêncio, e a rosa amarela está ligada à infidelidade, por exemplo, é conhecida por ser a rosa dos amantes.

Este é inclusivamente um pormenor interessante e irónico já que Henry Miller descreve neste livro as suas aventuras com várias mulheres no tempo que passa em Paris, mesmo estando casado. Ora a infidelidade do autor poderá estar relacionada com a escolha de Ana Espadinha.

A capa mais recente introduz o possível leitor ao tema central da obra, e de certa forma desmitifica a ideia que se trata de um livro pornográfico.

Curiosa é também a capa do original, **Figura 1**, primeira edição em 1934 desenhada por Maurica Kahane que a fez ainda adolescente, filho do dono da editora Groove Press, Jack Kahane. (<http://cosmotc.blogspot.com/2005/12/cover-art-for-1934s-tropic-of-cancer.html> acedido a 12 de Setembro de 2009).

Visivelmente influenciado pelo título, o autor da capa ilustrou a sua interpretação redutora ao reproduzir no seu trabalho uma imagem do planeta cuja acepção geográfica representa o paralelo terrestre, e um caranguejo de tamanho considerável, talvez sob influência da Zoologia e Astrologia amarrando o corpo caído de uma mulher – acepção linguística de *cancer*.

No Anexo II estão compiladas algumas das capas de Trópico de Câncer editadas ao longo dos anos em diversas línguas.

3. Contexto sociopolítico português em 1976

Era propósito inicial desta dissertação comparar a tradução de Jorge Freire de *Tropic of Cancer* com uma tradução anterior a 1974, ou seja sujeita à revisão censurada a que todas as obras estavam durante o período da ditadura portuguesa. No entanto, após todas as pesquisas levadas a cabo, deparei-me que anteriormente à Revolução de 25 Abril esta obra não havia sido afinal editada.

Pelo que consegui apurar a edição da obra em questão não chegou a ser proibida. Trópico de Câncer é editado pela primeira vez em Portugal em 1976 pela editora Livros do Brasil, no mesmo ano que decorrem as eleições legislativas e presidenciais e se forma o I Governo Constitucional.

Coincide portanto com o início de uma nova era para os portugueses que estavam desejosos de liberdade, após terem vivido 41 anos sob o regime autoritário do ditador de António de Oliveira Salazar a que submeteu não só o país mas também as colónias então portuguesas.

Em 1928, o General Óscar Carmona foi eleito Presidente da República e imediatamente a seguir convida Salazar a assumir o Ministério das Finanças, já que era especializado em contas públicas pela Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra. Este exigiu poder controlar os orçamentos das outras pastas e desfrutar do direito de veto sobre o aumento das despesas. Como viu satisfeita a sua exigência, Salazar assumiu desde logo um grande controlo sobre a governação do país e através do aumento dos impostos e da redução da despesa pública efectivamente conseguiu baixar o défice.

Durante este tempo, apresentou juntamente com Domingos de Oliveira e Lopes Mateus as bases da União Nacional, partido único que nunca aspirou a nenhum tipo de acordo com a oposição e que serviria para transitar da Ditadura Militar para o Estado Novo.

Esta foi a designação dada ao regime corporativista que sofreu grandes influências do fascismo imposto por Benito Mussolini em Itália, e outros regimes análogos em vigor na Europa da altura.

Logo, o Estado Novo assentava em ideologias nacionalistas e conservadoras, defendido pela polícia política PIDE – Polícia Internacional de Defesa do Estado – à qual foi dado pleno direito para castigar qualquer opositor ao regime.²

O sistema de ensino foi amplamente influenciado e controlado, inculcando sempre às crianças e jovens a obrigação de exaltar os valores do país, por exemplo, pelo facto de possuir um grande império colonial, e também o serviço à comunidade e à Pátria, a preservação das tradições e o apelo à terra.

Portugal tornou-se num país fechado ao mundo e sobre si mesmo, que defendia o princípio do “orgulhosamente sós”, um verdadeiro entrave ao desenvolvimento a todos os níveis. O resultado era um povo triste e pobre, dedicado maioritariamente à agricultura, a tentar subsistir num país sem infra-estruturas e que não oferecia perspectivas de sucesso.

Quanto às relações diplomáticas com outros países, Portugal foi mantendo imparcialidade como foi no caso da Segunda Guerra Mundial (1939-1945).

Num cenário absolutamente castrador, a liberdade de expressão foi reprimida, assim como o direito a reuniões e associações. A censura prejudicou não só a imprensa nacional, mas outras actividades culturais, como o teatro, o cinema, a rádio, a televisão e a literatura. No caso da imprensa, eram cortados artigos susceptíveis de ir contra o Governo e eram reduzidas as tiragens de certos jornais. Quanto à literatura, algumas publicações eram retiradas do mercado e outras não chegavam sequer a ser editadas.

Numa época em que a moral e os bons costumes eram defendidos a todo o custo pela PIDE e pelo regime tentava-se salvaguardar a integridade dos cidadãos, confinando o seu acesso a todas as formas de cultura que pudessem alertar consciências e despoletar acções de revolta.

O forte vínculo entre o regime e a Igreja Católica, num lado de catolicismo conservador servia como alicerce desta defesa acérrima dos valores e da moral.

Henry Miller, entre muitos outros autores estrangeiros como Jorge Amado ou D.H. Lawrence integram a numerosa lista de autores de livros proibidos durante a

² TELO, António José, *História Contemporânea de Portugal, Do 25 de Abril à Actualidade – Volume I*, Lisboa, Editorial Presença, 2007

(http://www.forumcidadania.org/politica/partidos_files/historia_ps/cronologia-01.html acedido a 19 de Outubro de 2009).

ditadura. *O mundo do sexo*, de Miller, escrito em 1940 foi um dos livros proibidos em Portugal (http://www.vidaslusofonas.pt/livros_e_censura.htm).

4. Análise literária comparativa

4.1. Diferenças de género

Ao longo da leitura das duas traduções de “*Tropic of Cancer*”, são perceptíveis algumas desigualdades resultantes do facto de se tratar de tradutores de géneros diferentes. Independentemente da época em que foi traduzido, a forma como cada um interpretou o original, e o transcreveu para a língua mãe, para além de depender de muitos outros factores, depende de um que não poderá ser ignorado: o género.

Do ponto de vista biológico existem divergências entre homens e mulheres que actuam na capacidade de percepção do mundo e na forma como usam o vocabulário, aspectos a ponderar crucialmente na prática da tradução.

No prefácio ao livro de André Lefevere, *Translation, Rewriting and the Manipulation of Literary Fame*, Susan Bassnet refere-se à tradução como “a rewriting of an original text. All rewritings, whatever, their intention, reflect a certain ideology and a poetics and such manipulate literature to function in a given way.” (1992: 7).

Embora os dois se tenham mantido fiéis ao original, característica imperativa dos processos de tradução, cada um recriou e adaptou-o de acordo com a sua vivência. O original acaba por sofrer uma manipulação que é comum e aceitável, que varia de acordo com a época em que a obra é traduzida e com a cultura dominante.

No entanto, há que salientar que tanto um como o outro deram um carácter evidente à tradução, o que seria expectável, dada a exigência da obra original e do seu público-alvo.

A tradutora Fernanda Pinto Rodrigues, como se pode ver em 2.3 conta com um conjunto notável de trabalhos de tradução literária. Entre eles, *O Sonho Mais Doce* de Doris Lessing e *Os Anos* de Virginia Woolf. A estas duas autoras foram associadas características feministas, sendo que as ideias de Virginia Woolf foram inclusive relacionadas com a chamada primeira onda do movimento feminista (entre os séculos XVII e XX). Como referido acima, a tal manipulação sofrida pelo texto está intimamente ligada à abertura e à pré-disposição do tradutor em aceitar o que está a ler e o transformar num texto que mais do que palavras traduzidas, mantenha o verdadeiro sentido atribuído pelo autor.

Ora, um tradutor possuiu o poder de autor, logo, no caso de Fernanda Pinto Rodrigues, fará algum sentido associar a sua capacidade criativa a uma corrente feminista, que naturalmente se espelha nas suas preferências terminológicas durante o processo de tradução.

Já Jorge Freire abordou "*Tropic of Cancer*" de forma diferente pelo simples facto de se tratar de um tradutor masculino e as suas preferências resultaram desta característica intrínseca e inevitável. É de salientar a forma mais cuidada como aborda temas mais sensíveis e susceptíveis de chocar o leitor, contrariamente ao que seria expectável já que normalmente esta sensibilidade está mais associada a mulheres que aos homens.

4.2. Marcas no texto

A organização do texto difere igualmente de um tradutor para o outro na forma como é graficamente apresentado, sobretudo no que toca às frases em discurso directo.

O discurso directo é geralmente destacado no texto, isto é, corresponde a um novo parágrafo, e é introduzido por travessão ou aspas, aliás regras da língua portuguesa.

Uma outra diferença entre a tradução de Fernanda Pinto Rodrigues e Jorge Freire passa pela forma como a primeira incorpora as frases em discurso directo no corpo do texto não as destacando, tal como é apresentado o texto de partida escrito por Henry Miller. A tradutora seguiu fielmente a fonte, mantendo uma mancha gráfica idêntica.

Já a tradução de Jorge Freire apresenta o discurso directo em novos parágrafos e iniciados por um travessão, de acordo com a regra geral da língua portuguesa.

Tome-se o exemplo seguinte:

Miller, Henry: <i>Tropic of Cancer</i> . Obelisk Press, Paris, 1934	Miller, Henry: "Trópico de Câncer". Edição Livros do Brasil, Lisboa, 1976 Tradução de Fernanda Pinto Rodrigues	Miller, Henry: Trópico de Câncer. Editorial Presença, Lisboa, 2008 Tradução de Jorge Freire
Tania says so that every one may hear: "I love him!" And while Boris scalds himself with whisky she says: "Sit down here! O Boris ... Russia ... what'll I do? I'm bursting with it!" (1934: 5)	Tania exclama, para que todos a ouçam: «Amo-o!» E enquanto Boris se desinfecta com uísque, ela diz: «Senta-te aqui! Oh, Boris... Rússia... que farei? Estou a rebentar!» (1976: 11)	Tania grita-o aos quatro ventos: - Amo-o! E enquanto o Boris se desinfecta com uísque, ela diz: - Senta-te! Ó Boris... a Rússia... o que faço? Estou farta do país! (2008: 10)

4.3. **Citação introdutória**

“*Tropic of Cancer*” começa com uma citação de Ralph Waldo Emerson (1803-1882), conhecido filósofo, escritor e poeta norte-americano, conhecido pelo seu patriotismo e por ter desenvolvido a filosofia transcendentalista (sistema fundamentalista que se baseia na razão e ignora o raciocínio e a análise).

“These novels will give way, by and by, to diaries or autobiographies – captivating books, if only a man knew how to choose among what he calls his experiences and how to record truth truly.” - *Ralph Waldo Emerson*

Curiosamente a tradução de Jorge Freire suprime esta citação ao contrário da de Fernanda Pinto Rodrigues:

ESTES ROMANCES DARÃO LUGAR, POUCO A POUCO, A DIÁRIOS E AUTOBIOGRAFIAS, LIVROS FASCINANTES SE UM HOMEM SOUBESSE ESCOLHER ENTRE AQUILO A QUE CHAMA AS SUAS EXPERIÊNCIAS E REGISTRAR A VERDADE COM VERDADE. - *RALPH WALDO EMERSON*

Esta diferença entre as duas versões levanta algumas questões quanto ao poder do tradutor para alterar a estrutura do original, e quais teriam sido as motivações de Jorge Freire para suprimir a citação.

Nota: Esta seria uma dúvida a dissolver se a tentativa de contacto de Jorge Freire tivesse tido êxito, mas dado que não obtive resposta à mensagem deixada no sítio web da Editorial Presença, não me foi possível descodificar os motivos que levaram a esta opção.

4.4. **Análise contextual de alguns excertos**

O original de Trópico de Câncer, *Tropic of Cancer*, Obelisk Press, Paris, 1934, apresenta-nos inúmeros excertos que formam a matéria-prima desta análise.

Como tantos outros artistas exilados, Henry Miller vagueou pelas ruas de Paris no período entre as duas grandes guerras, no submundo dos cafés, da vida boémia, da liberdade, mas também da falta de dinheiro mas sobretudo enfrentou o desenraizamento e o desespero.

Apesar de assumir uma postura despreocupada perante a seriedade da vida, a verdade é que a incerteza do futuro, o facto de não ter dinheiro e a possibilidade de não ser aceite como escritor levaram a que o autor deixasse transparecer momentos de desespero, de fragilidade.

A sinceridade com que redigiu *Tropic of Cancer* é a prova que o autor tentava viver cada dia ao máximo, aproveitando e tirando partido do facto de não ser controlado por ninguém (a sua mulher June Smith por exemplo, que o pressionava constantemente para que ele apresentasse uma obra).

A obra nasce exibindo uma escrita a um ritmo solto, sem regras, marcado pela abordagem directa a temas intocáveis na altura. A obra espelha o olhar de Miller sobre a mentalidade austera e pouco flexível vigente na altura, daí o seu carácter autobiográfico, mas principalmente de crítica social.

No excerto a seguir, o autor divaga sobre a sua incapacidade de valorizar o tempo, do facto de ter deixado de fazer planos para o futuro, e apresenta como que uma espécie de metáfora para a obra que está a criar.

Neste contexto, estabelece com outro personagem um diálogo em que os dois divagam acerca da fisionomia de certos animais e escorrem

Introduz portanto ele próprio um parágrafo sobre a obra que está a criar.

1º exemplo – Flexibilidade da tradução

Miller, Henry: *Tropic of Cancer*. Obelisk Press, Paris, 1934

Miller, Henry: “Trópico de Câncer”. Edição Livros do Brasil, Lisboa, 1976

Miller, Henry: *Trópico de Câncer*. Editorial Presença, Lisboa, 2008

	Tradução de Fernanda Pinto Rodrigues	Tradução de Jorge Freire
<p>Dozing off. The physiology of love. The whale with his six-foot penis, in repose. The bat – <i>penis libre</i>. Animals with a bone in the penis. Hence, a bone on... "Happily," says Gourmont, "the bony structure is lost in man. "Happily? Yes, happily. Think of the human race walking around with a bone on. (1934: 3)</p>	<p>Dormitando. A fisiologia do amor. A baleia com o seu pénis de metro e oitenta, em repouso. O morcego – <i>penis libre</i>. Animais com um osso no pénis. Daí, um osso no... «Felizmente», diz Gourmont, «a estrutura óssea perdeu-se no homem». Felizmente? Sim, felizmente. Imaginem a espécie humana a andar por aí com um osso no. (1976: 8 e 9)</p>	<p>Dormitando. A fisiologia do amor. A baleia com o seu pénis de um metro e oitenta, em repouso. O morcego: <i>penis libre</i>. Animais com um osso no pénis. Daí, teso como um osso... «Felizmente», diz Gourmont, «a estrutura óssea desapareceu no homem.» «Felizmente?» Sim, felizmente. Imaginem se a raça humana andasse por aí com ele teso como um osso. (2008: 8)</p>

Para além das escolhas óbvias que são divergentes de tradutor para tradutor, é possível ver neste excerto um reflexo da pouca flexibilidade predominante em 1976. A tradução de Fernanda Pinto Rodrigues segue criteriosamente a estrutura do original, e opta por não adaptar o texto ao estilo da língua portuguesa.

A forma como a frase “*walking around with a bone on*” termina obedece às regras gramaticais da língua inglesa, porque é formada pelo *phrasal verb* “*walk on*” cuja preposição não significa a continuação da frase.

Assim, em português o último período do texto termina de forma súbita, ficando a sensação que deliberadamente a tradutora não completou a frase apesar do original lhe fazer referência.

Já as escolhas de Jorge Freire reflectem uma abordagem um pouco diferente e mais directa, acabando por se notar o esforço do tradutor em adaptar o original, respeitando o sentido apresentado, mas ao mesmo tempo, a estrutura harmoniza-se mais à língua portuguesa.

2º exemplo – Nota de tradutor

<p>Miller, Henry: <i>Tropic of Cancer</i>. Obelisk Press, Paris, 1934</p>	<p>Miller, Henry: “Trópico de Câncer”. Edição Livros do Brasil, Lisboa, 1976 Tradução de Fernanda Pinto Rodrigues</p>	<p>Miller, Henry: <i>Trópico de Câncer</i>. Editorial Presença, Lisboa, 2008 Tradução de Jorge Freire</p>
<p>I'm thinking back to the chain of circumstances which has brought me finally to Nanantatee's place. Thinking how strange it is that I should have forgotten all about Nanantatee until the other day when lying in a shabby hotel room on the Rue Cels. I'm lying there on the iron bed thinking what a zero I have become, what a cipher, what a nullity, when bango! out pops the word: NONENTITY! That's what we called him in New York – Nonentity. Mister Nonentity. (1934: 41)</p>	<p>Estou a pensar na cadeia de circunstâncias que acabou por me levar a casa de Nanantatee. Estou a pensar como é estranho que me tivesse esquecido por completo de Nanantatee até me encontrar, outro dia, deitado num hotel pelintra da rue Cels. Estou deitado na cama de ferro a pensar no zero em que me transformei, no algarismo, na nulidade, quando, zás!, me ocorre a palavra <i>NONENTITY</i>! Era assim que o tratávamos em Nova Iorque: <i>Mister Noentity</i> (¹). (¹) Sr. Insignificante. (N. da T.) (1976: 82)</p>	<p>Estou a recordar o conjunto de circunstâncias que me trouxeram finalmente à casa do Nanantatee. A pensar em como é estranho que me tenha esquecido completamente do Nanantatee, até ao outro dia em que estava deitado num quarto de hotel andrajoso da Rue Cels. Estava lá deitado na cama de ferro, a pensar em como era um falhado, um zero, uma cifra, uma nulidade, quando pimba! Eis que me surge a palavra: NÃOENTIDADE! Era o que lhe chamávamos em Nova Iorque... Nãoentidade, Senhor Nãoentidade. (2008: 72)</p>

Neste excerto saliento a introdução da nota do tradutor que Fernanda Pinto Rodrigues optou por fazer, atribuindo-lhe uma função de elemento orientador apesar

da possibilidade do termo “*Noentity*” ser traduzido. Jorge Freire acabou mesmo por considerá-lo traduzível.

As notas de tradutor são inseridas numa tentativa de elucidar o leitor. No entanto, estas são prova de que o tradutor está simultaneamente a recluir pela capacidade de entendimento do leitor. Daí ser uma questão tão sensível. Resulta principalmente do facto do tradutor desempenhar o papel de pré-leitor, e assim entende que tal é necessário.

Lawrence Venuti, em *The Translator's Invisibility* refere-se à tradução como geradora de um efeito de transparência, ou seja, o texto é um reflexo da identidade do autor, da sua espontaneidade que ultrapassa as limitações linguísticas (1995: Preface and acknowledgements).

Será então delicado para um tradutor desvendar esse significado atribuído a alguns termos e daí optar por introduzir notas que forçosamente influenciarão a fluidez da leitura.

3º Exemplo – Uso do termo “coisa”

<p>Miller, Henry: <i>Tropic of Cancer</i>. Obelisk Press, Paris, 1934</p>	<p>Miller, Henry: “Trópico de Câncer”. Edição Livros do Brasil, Lisboa, 1976 Tradução de Fernanda Pinto Rodrigues</p>	<p>Miller, Henry: Trópico de Câncer. Editorial Presença, Lisboa, 2008 Tradução de Jorge Freire</p>
<p>There is only one thing which interests me vitally now, and that is the recording of all that which is omitted in books. Nobody, so far as I can see, is making use of those elements in the air which gives direction and motivation to our lives. (1934: 8)</p>	<p>Agora só há uma coisa que me interessa vitalmente, e essa coisa é o registo de tudo quanto se omite nos livros. Tanto quanto me é dado ver, ninguém se está a utilizar dos elementos do ar que dão às nossas vidas direcção e motivação. (1976: 17)</p>	<p>Há apenas uma coisa pela qual me interesso vivamente: registar tudo o que se omite dos livros. Ninguém, tanto quanto sei, está a utilizar esses elementos que pairam no ar e que orientam e dão motivação às nossas vidas. (2008: 15)</p>

Neste exemplo, interessa destacar a repetição do termo “coisa” da tradução de Fernanda Pinto Rodrigues. Em comparação com o original, esta tradução segue mais uma vez a estrutura do texto de partida, acabando por coincidir com o estilo próprio de Henry Miller que escreve como se discursasse.

Esta repetição apesar de causar uma certa estranheza acaba por ser uma marca da fidelidade que a tradutora manteve à sua fonte.

Não menos fiel foi Jorge Freire que moldou ligeiramente a sua tradução, respeitando contudo o original mas criando uma estrutura um pouco mais contemporânea e coincidente com a língua portuguesa.

Os sinais da oralidade na literatura podem até ser encarados como um problema de tradução, mais notório na de Jorge Freire na medida em que como mais recente exige ao tradutor um maior esforço para não descurar da época e condições em que foi escrito. A tradução apresentada por Fernanda Pinto Rodrigues, editada em 1976

aproxima-se temporalmente do texto fonte, e talvez por este facto se nota uma adaptação mais fiel ao original.

4º Exemplo – Tradução de estrangeirismos

<p>Miller, Henry: <i>Tropic of Cancer</i>. Obelisk Press, Paris, 1934</p>	<p>Miller, Henry: “Trópico de Câncer”. Edição Livros do Brasil, Lisboa, 1976 Tradução de Fernanda Rodrigues Pinto</p>	<p>Miller, Henry: Trópico de Câncer. Editorial Presença, Lisboa, 2008 Tradução de Jorge Freire</p>
<p>Everywhere I go .people are making a mess of their lives. Everyone has his private tragedy. It's in the blood now – misfortune, ennui, grief, suicide. (1934: 8)</p>	<p>Aonde quer que vou as pessoas estão a complicar a vida. Toda a gente tem a sua tragédia pessoal. Já está no sangue: infelicidade, tédio, desgosto, suicídio... (1976: 18)</p>	<p>Para onde quer que vá, as pessoas estão a dar cabo das suas vidas. Todos têm uma tragédia privada. Corre-nos no sangue, hoje em dia, desgraças, <i>ennui</i>, sofrimento profundo, suicídio. (2008: 16)</p>

Geralmente associa-se a utilização de francesismos num texto como uma forma de o “embelezar” linguisticamente, já que a França está associada a origem da sofisticação e da moda. Este poderá ser um entendimento muito *sui generis* de alguns autores a cair em desuso. (Venuti: 451).

Certamente não terá sido esta a intenção do autor que introduz termos em francês na sua obra de forma assídua, não fosse o facto de ter sido escrito em França, e o quotidiano do autor ter influído a escrita. De propósito ou não, a palavra francesa *ennui* surge na enumeração das tragédias pessoais, o seu significado tem várias abrangências, como por exemplo cansaço, fadiga e lassidão. Assim, a tradutora Fernanda Pinto Rodrigues entendeu que o termo deveria ser transposto, e optou por *tédio* como termo mais adequado ao sentido atribuído pelo autor. Já Jorge Freire preferiu manter o emprego da palavra estrangeira.

A esta escolha de traduzir ou não um estrangeirismo está associado o sentido de razoabilidade do tradutor que tomará a decisão que entender ser a menos manipuladora e que menos influirá na leitura.

Neste caso em particular, o galicismo empregue deveria ter sido mantido já que foi usado com uma intenção específica, talvez a de demarcar a influência francesa no universo literário de Henry Miller.

Portanto, é bastante pertinente o entendimento que o tradutor faz da obra e do contexto em que foi escrito. É imperativo saber descortinar todas as razões que levam às preferências do autor que obviamente deixou transparecer para a obra sinais da aculturação a que foi sujeito. Pode-se afirmar que Fernanda Pinto Rodrigues ao traduzir o termo *ennui* omitiu essa marca da influência da língua francesa sobre Miller.

Este é somente um exemplo que normalmente não se repete na totalidade do texto traduzido.

Já no excerto seguinte a ênfase recai sobre a tradução de *lobby*, palavra inglesa que designa o átrio, a entrada de um edifício, aqui empregue para a entrada de um hotel.

Miller, Henry: <i>Tropic of Cancer</i> . Obelisk Press, Paris, 1934	Miller, Henry: “Trópico de Câncer”. Edição Livros do Brasil, Lisboa, 1976 Tradução de Fernanda Rodrigues Pinto	Miller, Henry: Trópico de Câncer. Editorial Presença, Lisboa, 2008 Tradução de Jorge Freire
It seems amusing to me now that this little duck once swaggered about the lobby of that hotel in New York... (1934: 43)	Agora parece-me divertido pensar que esta pateguinho se bamboleou em tempos no átrio do hotel de Nova Iorque,... (1976: 84)	Parece-me engraçado que este pategozito se tenha pavoneado pelo <i>lobby</i> do hotel em Nova Iorque... (2008: 73)

Contrariamente à decisão tomada aquando da tradução de *ennui* do exemplo anterior, aqui Fernanda Pinto Rodrigues não manteve como Jorge Freire o termo na língua original. À partida, não haverá razão alguma para não ser traduzido, até porque no original a palavra não está destacada, isto é, não está entre aspas, o que não dará motivos ao tradutor para entender que tenha de lhe dar um tratamento diferente.

É portanto uma decisão deveras subjectiva da parte de Jorge Freire cuja motivação é desconhecida, e vem provar, embora quase imperceptivelmente que o desafio da tradução reside na interpretação do texto de partida e não tanto no domínio das línguas de trabalho.

5º Exemplo – Comparação isolada de vocábulos

<p>Miller, Henry: <i>Tropic of Cancer</i>. Obelisk Press, Paris, 1934</p>	<p>Miller, Henry: “Trópico de Câncer”. Edição Livros do Brasil, Lisboa, 1976 Tradução de Fernanda Rodrigues Pinto</p>	<p>Miller, Henry: Trópico de Câncer. Editorial Presença, Lisboa, 2008 Tradução de Jorge Freire</p>
<p>That puking little bastard! If there's anything worse than being a fairy it's being a miser. (1934: 8)</p>	<p>O pulheco nojento! Se há coisa pior do que ser maricas é ser sovina. (1976: 18)</p>	<p>Aquele filho da mãe nojento! Se há coisa pior do que ser maricas, é ser sovina. (2008: 16)</p>

Importa salientar neste excerto a tradução do termo de “*puking little bastard*”. Henry Miller refere-se ao dono da casa onde ele está hospedado (*Villa Borghese*) de seu nome *Moldorf* e por quem o autor não nutre simpatia absolutamente nenhuma.

As duas traduções reflectem em português a intenção do autor em expor a sua falta de consideração por *Moldorf* e o total desagrado pelos seus defeitos. Fernanda Pinto Rodrigues usa neste caso um termo pouco comum e até não incluído nos dicionários de língua portuguesa consultados – *pulheco*. A formação do termo remete-nos para *pulha* que significa bandalho, pessoa sem brio.

Jorge Freire optou pela expressão mais vulgarmente usada que exprime os mesmos sentimentos – *filho da mãe* – menos inesperada e que denota analogamente a coloquialidade da língua portuguesa.

O exemplo seguinte é particularmente interessante na medida em que o dono do sítio onde o narrador / autor está instalado por solidariedade é descrito de forma metafórica. Esta descrição é feita após um diálogo entre ambos sobre a família do seu amigo.

Esta pequena reflexão inclui adjectivos atribuídos a um livro que o autor personifica, e usa como sendo um livro em mau estado. Além disso, enumera uma série de características indecorosas, aliás, este excerto prova o que já foi referido acerca da escrita liberal e desaforada do autor que se deixa levar pelos seus pensamentos e o que de mais íntimo lhe atravessa a alma, conjugado com uma imaginação desregrada.

<p>Miller, Henry: <i>Tropic of Cancer</i>. Obelisk Press, Paris, 1934</p>	<p>Miller, Henry: “Trópico de Câncer”. Edição Livros do Brasil, Lisboa, 1976 Tradução de Fernanda Rodrigues Pinto</p>	<p>Miller, Henry: Trópico de Câncer. Editorial Presença, Lisboa, 2008 Tradução de Jorge Freire</p>
<p>...But what with the murky light print, the tattered cover, the jiggaged page, the fumbling fingers, the fox-trotting fleas, the lie-a-bad lice, the scum on his tongue, the drop in his eye, the lump in his throat, the drink in his pottle, the itch in his palm, the wail of this wind, the grief from his breath, the fog of his brainfag, the tic of his conscience, the height of his rage, the gush of his fundamental, the fire in his gorge, the tickle of his tail, the rats in his garret, the hullabaloo and the dust in his ears, since it took him a month to steal a march, he was hard-set to memorize more than a word a week. (1934: 46)</p>	<p>...Mas com aquela luz triste, a má impressão, a capa esfrangalhada, as páginas esfareladas, os dedos tacteantes, as pulgas fox-troteadoras, os piolhos dorminhocos, o cascão da língua, a remela do olho, o nó na garganta, a bebida no bandulho, a comichão na palma da mão, o lamento do seu vento, o desgosto do seu hálito, o nevoeiro do seu cansaço cerebral, o espasmo da sua consciência, o calor da sua raiva, o fogo da sua goela, as cócegas do seu rabo, os macacos do seu sótão, a confusão e a poeira dos seus ouvidos, como precisa</p>	<p>Mas com aquela luz baça, as letras mal alinhavadas, a capa esfarrapada, as páginas rasgadas, os dedos trapalhões, as pulgas a pinchar, os piolhos preguiçosos, a porcaria que tem na língua, as gotas para os olhos, o nó na garganta, o meio galão de bebida, a comichão na palma da mão, o lamento dos seus gases, a dor no seu hálito, o nevoeiro do seu esgotamento cerebral, o tique da sua consciência, o auge da sua raiva, o que lhe jorra do rabo, o ardor da sua garganta, o coçar da cauda, os macaquinhos no sótão, o banzé e o pó nos ouvidos, uma vez que lhe demorou um mês a</p>

de um mês para
avançar um passo
tinha dificuldade em
decorar mais de uma
palavra por semana.
(1976: 92)

antecipar-se a alguém,
estava determinado a
memorizar mais do que
uma palavra por
semana. (2008: 81)

Todo este parágrafo representa uma problemática para os seus tradutores, porque para além do que é óbvio, o desvendar das intenções do autor é um desafio que foi transponível para ambos, mas que de qualquer forma os levou, uma vez mais, a opções divergentes.

É o caso da expressão *fox-trotting fleas* traduzido para *as pulgas fox-troteadoras* por Fernanda Pinto Rodrigues e *as pulgas a pinchar* por Jorge Freire.

O *foxtrot* é um estilo de dança de salão, de origem americana, distinguido por uma marcação mais rápida ou mais lenta, passos curtos e longos, respectivamente. Contudo, uma outra acepção do termo, em âmbito equestre, é aquela que se aplica a um tipo de passo lento em que os cavalos movem as pernas dianteiras num trote e as pernas traseiras num passo mais longo.

É curiosa e peculiar a ligação que o autor estabelece entre estes insectos e o seu movimento, que inspirou a criação de uma espécie de neologismo no caso de Fernanda Pinto Rodrigues que aportuguesou o adjectivo mantendo o seu significado perceptível ao leitor. Jorge Freire interpretou a expressão e simplificou-a unicamente.

Interessante é também a frase *the drop in his eye* interpretada como alguém “remeloso” e portanto, Fernanda Pinto Rodrigues traduz para *a remela do olho*, ao passo que Jorge Freire se desvia do original e acrescenta ao seu texto uma interpretação mais subjectiva e, neste caso, talvez um pouco afastada do texto de partida, ao traduzir literalmente *as gotas para os olhos*.

A tradução deste excerto transmite fielmente a coloquialidade da língua portuguesa, através do emprego de palavras como por exemplo *bandulho* e *banzé* incorporadas pelos dois tradutores.

Aliás, o texto de partida, pelo seu enquadramento sintagmático assim o exige e como tal, bem aplicados na língua de tradução pelos dois tradutores.

6º Exemplo – Nomes próprios

<p>Miller, Henry: <i>Tropic of Cancer</i>. Obelisk Press, Paris, 1934,</p>	<p>Miller, Henry: “Trópico de Câncer”. Edição Livros do Brasil, Lisboa, 1976 Tradução de Fernanda Rodrigues Pinto</p>	<p>Miller, Henry: Trópico de Câncer. Editorial Presença, Lisboa, 2008 Tradução de Jorge Freire</p>
<p>In America I had a number of Hindu friends, some good, some bad, some indifferent. (1934: 43)</p>	<p>Na América tinha uma quantidade de amigos hindus, uns bons, outros maus, outros indiferentes. (1976: 82)</p>	<p>Nos Estados Unidos, tinha vários amigos hindus, uns bons, outros maus, os restantes indiferentes. (2008: 72)</p>

A análise neste excerto recai sobre a tradução de “*America*”, terra natal do autor que inicia o parágrafo referindo-se ao local onde tinha vários amigos hindus.

Neste ponto levanta-se a questão: o autor refere-se a todo o continente ou simplesmente aos Estados Unidos da América?

É um facto que ao mencionar “*America*”, e sabendo que Miller é norte-americano, supõe-se que é aos Estados Unidos a que se refere e não à América do Norte e do Sul – não que não fosse possível ter amigos por todo o continente, mas América engloba os Estados Unidos e a América Latina.

Em relação à tradução de nomes próprios e topónimos, foi decisão dos dois tradutores traduzirem o termo, o que é bastante comum quando surgem exemplos cuja adaptação à língua portuguesa é aceite e adoptada (não é o caso de *Frankfurt*, cuja tradução é Francoforte que não é reconhecida).

Fernanda Pinto Rodrigues optou por seguir à risca o que estava escrito no original, ao passo que Jorge Freire alterou-o e referiu-se ao país como Estados Unidos.

Tratar-se-á então de uma questão subjectiva, de reflexão e crítica que levou à escolha deliberada de um traduzir para América e outro Estados Unidos? Ou, por outro lado, tratar-se-á de uma escolha impulsiva e evidente para os tradutores?

Poderá eventualmente resultar de uma explicação temporal, isto é, na altura de 1976 usar-se-ia mais frequentemente a palavra América embora se se quisesse fazer referência a apenas uma parte do continente?

Este exemplo reflecte a escolha de toda a extensão das duas traduções estudadas, em que os dois tradutores foram sempre coerentes perante a palavra “America” e a traduziram sempre da mesma forma.

O exemplo seguinte refere-se ao nome do autor nesta obra: *Endree*. O narrador não se assume com este nome, mas pelos diálogos existentes entre este e outras personagens o leitor toma conhecimento da sua identidade.

<p>Miller, Henry: <i>Tropic of Cancer</i>. Obelisk Press, Paris, 1934,</p>	<p>Miller, Henry: “Trópico de Câncer”. Edição Livros do Brasil, Lisboa, 1976 Tradução de Fernanda Rodrigues Pinto</p>	<p>Miller, Henry: Trópico de Câncer. Editorial Presença, Lisboa, 2008 Tradução de Jorge Freire</p>
<p>How do you say that again, Endree – borsht? You will write that down for me, please, Endree... (1934: 44)</p>	<p>Endri, como é que se diz aquilo... <i>borsht</i>? Há-de escrever-me isso, Endri, por favor... (1976: 88)</p>	<p>Como é que se diz, Endree... <i>borsht</i>? Escreve-me essa palavra, Endree, se faz favor... (2008:77)</p>

Foi preferência de Fernanda Pinto Rodrigues adaptar o nome próprio para Endri que apesar de não constar dos nomes de língua portuguesa, é apresentado com uma transformação morfológica que se assemelha à terminação mais comum na

nossa língua. Opção diferente teve Jorge Freire que coerentemente com toda a sua obra manteve o nome tal como no original.

7º Exemplo – Formas de tratamento

<p>Miller, Henry: <i>Tropic of Cancer</i>. Obelisk Press, Paris, 1934,</p>	<p>Miller, Henry: “Trópico de Câncer”. Edição Livros do Brasil, Lisboa, 1976 Tradução de Fernanda Rodrigues Pinto</p>	<p>Miller, Henry: Trópico de Câncer. Editorial Presença, Lisboa, 2008 Tradução de Jorge Freire</p>
<p>If I fail to come back at night and roll up in the horse blankets he says to me on arriving: “Oh, so you didn’t die then? I thought you had died.” (1943: 43)</p>	<p>Se não regresso à noite e não me enrolo nas mantas de cavalos, diz-me, quando chego: «Ah, então não morreu? Pensava que tivesse morrido.» (1976: 83)</p>	<p>Se não venho para casa à noite e me enrolo nos cobertores de cavalo, diz-me quando finalmente chego: - Ah, então não morreste? Pensava que tinhas morrido. (2008: 73)</p>

No capítulo de onde foi retirado este excerto é narrada a experiência do autor de viver com um dos seus amigos hindus. Este dá guarida ao autor e talvez por isso se sinta no direito de se intrometer na sua vida, dando-lhe ordens ou fazendo comentários irónicos acerca da sua liberdade como é o caso deste excerto.

Esta parte representa a totalidade das duas obras traduzidas, em que Fernanda Pinto Rodrigues traduz sempre a segunda pessoa do mesmo género singular e plural *you* por *você* ou então opta pela forma de tratamento em que omite o pronome pessoal. Já Jorge Freire traduz para a forma mais directa e informal *tu*, igual para os dois géneros e singular.

A tradução de sujeitos é todavia um tema delicado, mas sobretudo quando se trata de traduzir uma obra original de 1934, em que as formas de tratamento eram naturalmente diferentes que agora. E será este o principal motivo que terá levado Fernanda Pinto Rodrigues a suprimir o sujeito e adoptar a tradução para a forma de tratamento mais enquadrada à altura em que foi escrita.

Muito possivelmente a abertura das mentalidades ao longo do tempo e a quebra de barreiras nas relações pessoais levou a que Jorge Freire imprimisse a sua tradução relacionando os personagens que à partida têm maior proximidade, como é o caso do autor e do seu amigo desta passagem.

O exemplo seguinte fala de um outro personagem – Kepi – amigo em comum do autor e do seu amigo retratado no excerto anterior. É uma figura bastante interessante e descrito como sendo alguém cujas prioridades são relativamente anormais, na medida em que é capaz de poupar o seu dinheiro em actividades essenciais, apenas para conseguir juntar para pagar os seus encontros com prostitutas. Uma outra característica de Kepi é que tenta de forma dissimulada conseguir que lhe ofereçam charutos.

<p>Miller, Henry: <i>Tropic of Cancer</i>. Obelisk Press, Paris, 1934,</p>	<p>Miller, Henry: “Trópico de Câncer”. Edição Livros do Brasil, Lisboa, 1976</p> <p>Tradução de Fernanda Rodrigues</p>	<p>Miller, Henry: Trópico de Câncer. Editorial Presença, Lisboa, 2008</p> <p>Tradução de Jorge Freire</p>
<p>He will ask you so many questions and drag you to so many places that you are bound to get thirsty and ask him to have a drink, whereupon you will discover to your amazement that you are again standing in a <i>tabac</i> – maybe the same <i>tabac!</i> - and Kepi is saying again in that small unctuous voice: “Will you please be so good as to buy</p>	<p>Faz-lhe tantas perguntas e leva-o a tantos lados que você acaba forçosamente por ter sede e por o convidar para uma bebida, descobrindo então, para seu grande espanto, que se encontra de novo defronte de uma tabacaria – talvez até da mesma tabacaria! – e que Kepi está de novo a dizer, na sua vozinha untuosa:</p>	<p>Faz-te tantas perguntas e arrasta-te para tantos sítios, que certamente ficarás com sede e pedir-lhe-ás para tomarem uma bebida, altura em que descobrirás que estás novamente num <i>tabac</i>, talvez no mesmo <i>tabac!</i>, e que Kepi diz novamente na sua vozinha untuosa:</p> <p>- Não te importas de me comprar um charutozinho? (2008: 79)</p>

me a little cheroot?"(1943: 44 e 45)	«Quer ter a bondade de me comprar um charutinho? (1976: 89)
--	--

As duas traduções deste excerto reforçam o que foi já anteriormente analisado a propósito da transposição de *you* para a segunda pessoa do singular no caso do trabalho de Jorge Freire e para uma forma mais cortês de Fernanda Pinto Rodrigues.

O último período deste excerto, em discurso directo, é a pergunta feita por Kepi ao narrador no sentido de lhe pedir um charuto. Ora, está explícita a cordialidade com que formula a pergunta através da palavra *please*, muito bem transposta para português por Fernanda Pinto Rodrigues através da franqueza de trato da expressão *ter a bondade*. Jorge Freire, à semelhança do que fez em discursos análogos, simplifica essa delicadeza por *Não te importas de*.

É de realçar também neste excerto a omissão de *to your amazement* na tradução de Jorge Freire. O tradutor suprime esta pequena parte do texto, ao contrário de Fernanda Pinto Rodrigues que a transpõe para *para seu grande espanto*.

A explicação para este tipo de falhas poderá estar relacionada com uma intenção específica do tradutor, que apesar de não estar a ser totalmente fiel ao original tomou essa audácia. Em última instância, a sua explicação poderá ser o esquecimento.

Ainda é de destacar mais uma vez a introdução do galicismo *tabac*, palavra francesa que designa tanto a planta seca que dá origem à substância que se fuma, como o sítio onde é comercializado. A palavra é portanto bem traduzida por Fernanda Pinto Rodrigues – tabacaria – no entanto, merece ser destacado porque, mais uma vez, não foi respeitada a intenção do autor que, como já foi referido, introduz com regularidade palavras em francês em *Tropic of Cancer*.

Opção divergente tomou Jorge Freire que manteve o galicismo, e mesmo na transposição para português não se perde o sentido do original.

8º Exemplo – Traduções errôneas

<p>Miller, Henry: <i>Tropic of Cancer</i>. Obelisk Press, Paris, 1934,</p>	<p>Miller, Henry: “Trópico de Câncer”. Edição Livros do Brasil, Lisboa, 1976 Tradução de Fernanda Rodrigues Pinto</p>	<p>Miller, Henry: Trópico de Câncer. Editorial Presença, Lisboa, 2008 Tradução de Jorge Freire</p>
<p>And a pompous, vain little devil to boot! He had decked himself out in a cordury suit, a beret, a cane, a Windsor tie... (1943: 46)</p>	<p>E ainda por cima era um diabinho pomposo e vaidoso! Aperaltarase com um fato de bombazina, gravata de seda... (1976: 93)</p>	<p>E um sacana pomposo e vaidoso, ainda por cima! Aprumara-se num fato de bombazina, usando boina, bengala e gravata Windsor;. (2007: 82)</p>

É narrado neste excerto a forma como o personagem descrito se apresentava fisicamente, e é feita referência à sua gravata. No original é empregue a expressão “*Windsor tie*” que se refere somente a um tipo de nó de gravata, traduzida para português por Jorge Freire como “gravata Windsor”.

Por sua vez, Fernanda Pinto Rodrigues traduziu como “gravata de seda”, o que à partida não corresponde ao original, porque se refere ao tipo de tecido de que a gravata é feita.

A intenção seria a de destacar a apresentação cuidada do personagem e o quão vaidoso ele era, talvez por isso a intenção da tradutora tenha sido adaptar a expressão mostrando antes o sentido e não literalmente o tipo de nó.

5. Comentário/ reflexão

A narrativa *Trópico de Câncer* prende o leitor pelo ritmo solto, pela forma como o pensamento do autor flui e se reproduz num texto inebriante, simultaneamente ingénuo e complexo.

As reflexões de Henry Miller sobre o mundo à sua volta e o seu próprio mundo oscilam de maneira entusiasta entre as histórias que vai vivendo no dia-a-dia com as pessoas com quem convive e as histórias inventadas. É esta a mistura de realidade com ficção que transcende quem se deixa apaixonar pela sua escrita humana e sincera.

Trópico de Câncer é um hino à vida, à liberdade, um desabafo do autor que se liberta das amarras da intransigência do mundo em que vivia.

Paris foi o palco desta libertação, e Henry Miller o actor principal que edificou uma obra com reflexos surrealistas, sob clara influência de Nietzsche³ que chega a citar.

Esta nova forma de narração constitui um verdadeiro desafio na tradução literária que por si só é já tão delicada.

Um texto deste género acaba por ser uma provocação, um apelo à sensibilidade do tradutor, simultaneamente objectivo e cercado pela própria narrativa. Parte sobretudo da interpretação que ele faz do original, do seu grau de envolvimento/distanciamento, da sua cultura e conhecimento do autor e do público-alvo.

Traduzir *Tropic of Cancer* reúne as condições para se tornar num projecto de tradução fascinante, pela busca incessante de informação, pelo conjunto de vocábulos característicos da literatura erótica, que obrigam a uma transposição leal, e muitas vezes sujeita a ser entendida como ordinária.

É esta a realidade contemporânea: temas como a sexualidade, a política, a decadência do ser humano têm que ser abordados frontalmente sem preconceitos. E tal como foram introduzidos nas obras de Miller, também o trabalho de tradução associado deverá ser a imagem da originalidade do seu criador.

No caso desta narrativa, apesar de Fernanda Pinto Rodrigues e Jorge Freire seguirem o mesmo fio condutor depreende-se que enfrentaram dúvidas diferentes

³ Friedrich Wilhelm Nietzsche, influente filósofo alemão, 1844-1900.

que levaram a um resultado distinto que sou incapaz de qualificar como superior ou inferior ao outro.

Como já foi referido, faz sentido falar num tradutor como autor, logo, a tradução de cada um deles pode ser encarada como uma criação, pois tiveram a incumbência de produzir um novo texto e numa nova língua.

A análise comparativa das duas traduções vem comprovar que é possível criar textos com abordagens diferentes, escolhas próprias de cada tradutor, mas simultaneamente fiéis e credíveis.

Um mesmo leitor da tradução de Fernanda Pinto Rodrigues e da de Jorge Freire pode desenvolver preferências por um estilo ou outro, no entanto, não poderá negar que a essência de Henry Miller não está patente em nenhuma delas.

A verdade é que está e é inteligível no seu todo. Quero com isto dizer que o facto de me ter debruçado sobre alguns exemplos em particular transcritos para esta obra, mostra a distância entre um e outro tradutor, que se reflectem nas opções divergentes. No entanto, no final desta análise, observando as duas traduções como um todo considero que as duas obedecem às regras implícitas de um processo de tradução.

6. Bibliografia

- AGUILERA, Elvira Câmara, "The Translation of Proper Names in Children's Literature", AVANTI Research Group, University of Granada (Spain), E-F@BULATIONS / E-F@BULAÇÕES, 2/ JUN 2008
- AUBERT, Francis Henrik, *As (in)fidelidades da Tradução*, São Paulo, Editora da Unicamp, 1993
- BASSNET, Susan & LEFEVERE, André, *Translation, History, Culture*. Londres, Cassell, 1995
- BLACK, Naomi, *Virginia Woolf as Feminist*, Cornell University Press, 2004
- BRASSAI, Georges, "Henry Miller, Happy Rock", London, University of Chicago Press, 2002
- CHARTERS, Ann, *Beats and Company: Portrait of a Literary Generation*. New York, Wolfgang Books, 1986
- DEARBORN, Mary V., "The Happiest Man Alive: A Biography of Henry Miller", Nova Iorque, Simon & Schuster, 1991
- GENTZLER, Edwin, *Contemporary Translation Theories*. Clevedon, Multilingual Matters, 2001
- JONG, Erika, "The Devil at Large: Erica Jong on Henry Miller", Nova Iorque, Grove Press, 1993
- LEFEVERE, André, "Rewriting and the Manipulation of Literary Fame", London, Routledge, 1992
- MAILER, Norman, "Genius and Lust: a journey through the major writings of Henry Miller", 1976
- ROBINSON, Douglas, *Translation and Empire. Postcolonial Theories Explained*. Manchester, St.Jerome Publishing, 1997
- SELESKOVITCH, Danica et LEDERER, Marianne, *Interpreter pour traduire*, Paris, Didier Erudition, 1984
- SMITH, J. Y., "Author Henry Miller Dies; Famed for Two 'Tropic' Books". *The Washington Post*, 1980

📖 STEINER, George, Depois de Babel. Aspectos da Linguagem e Tradução. Tradução de Miguel Serras Pereira. Lisboa, Relógio d'Água, 2002

📖 TELO, António José, História Contemporânea de Portugal, Do 25 de Abril à Actualidade – Volume I, Lisboa, Editorial Presença, 2007

📖 VENUTI, Lawrence, The Translator's Invisibility – a History of Translation, Londres/ Nova Iorque, Routledge, 1995

📖 VENUTI, Lawrence, The Translation Studies Reader. London, Routledge, Londres, 2003

📖 VILELA, Mário, Tradução e análise contrastiva: teoria e aplicação, Lisboa, Caminho, 1995

7. Webgrafia

Henry Miller

↗ <http://www.levity.com/corduroy/millerh.htm>

Henry Miller – American author

↗ <http://www.britannica.com/EBchecked/topic/382783/Henry-Miller>

The Effect of the Translator's Gender on Translation Evaluation

↗ <http://accurapid.com/journal/48gender.htm>

Henry Miller

↗ http://www.experiencefestival.com/henry_miller

Acedidos em Dezembro de 2008

Anaïs Nin Homepage

↗ <http://www.anais-nin.de/>

Vidas Lusófonas: Os Livros e a Censura em Portugal

↗ http://www.vidaslusofonas.pt/livros_e_censura.htm

Prémios Edição Ler / Booktailors

↗ <http://premiosdeedicao.blogs.sapo.pt/19955.html>

Acedidos em Maio de 2009

Queixa de Publicações Europa-América

↗ http://queixas.co.pt/popup.php?id_queixa=2205

The Return of Henry Miller

↗ <http://www.tnr.com/article/books-and-arts/the-return-henry-miller>

Henry Miller: Biography from Answers.com

↗ <http://www.answers.com/topic/henry-miller>

Centro Virtual Camões

↗ <http://cvc.instituto-camoes.pt/index.php>

Ralph Waldo Emerson Biography and Works

↗ <http://www.online-literature.com/emerson/>

The New York Times

↗ <http://www.nytimes.com>

O alfarrabista.com

↗ www.alfarrabista.com

Artigos e Reportagens

↗ <http://www.solinguinglesa.com.br/conteudo/reportagens5.php>

Acedidos em Setembro de 2009

PNE Literatura

↗ <http://www.pnetliteratura.pt/membro.asp?id=637>

Flip – Dúvida Linguística

↗ <http://www.flip.pt>

Cronologia

↗ http://www.forumcidadania.org/politica/partidos_files/historia_ps/cronologia-01.html

Tecnet

↗ <http://www.tecnet.pt/>

Infopédia – Dicionários e enciclopédia em língua portuguesa

↗ <http://www.infopedia.pt>

Serviços de tradução, trabalhos de tradução e tradutores autonomos

↗ <http://por.proz.com/>

Articles on Translation Theory

↗ http://www.translationdirectory.com/translation_theory.htm

Acedidos em Outubro de 2009

8. Filmes

Henry & June, Realizador: Philip Kaufman.

Anexo I

Conjunto de notícias e/ ou títulos retirados do sítio web do jornal New York Times

www.nytimes.com

By HARRY T. MOORE

June 18, 1961, Sunday

Section: Book Review, Page BR5, 1257 words

SINCE "Tropic of Cancer" first appeared in Paris as a paperback twenty-seven years ago, it has been smuggled into English-speaking countries which turn their Customs inspectors into censors. The high praise of such writers as T.S. Eliot, George Orwell, Edmund Wilson and Herbert Read made it contraband of uncommon quality.

By ALDEN WHITMAN

June 9, 1980, Monday

Page A1, 2270 words

Henry Miller, the Brooklyn-reared Bohemian writer whose bawdy, widely acclaimed 1934 novel, "Tropic of Cancer," was banned in the United States until 1964, died Saturday at his home in Pacific Palisades, Calif. He was 88 years old and had been suffering from circulatory ailments.

By ANATOLE BROYARD

Published: May 9, 1982

"Black Messiah: A Tribute to Henry Miller," edited by John Bennett and including essays by Erica Jong, Norman Mailer and Alfred Perles, is a current example of the way Henry Miller has been stubbornly misunderstood ever since he published "Tropic of Cancer" in 1934. Though T.S. Eliot, Ezra Pound and William Carlos Williams also praised Miller, no other American writer has been so congratulated and censured for being what he was not.

Norman Mailer and Erica Jong hail him as a sexual liberator (who is not a liberator these days?) - but while this is not surprising coming from Mr. Mailer, one wonders how Mrs. Jong could approve of a man who, as Kate Millett points out in "Sexual Politics," was not interested in intimacy or tenderness, who in fact didn't even offer women sexual variety.

By the standards of Mrs. Jong's generation, with its considerable technical sophistication in these matters, Miller would be condemned as a clumsy and egocentric primitive. Even George Orwell, that sensible man, misunderstood Miller in his essay "Inside the Whale." He spoke of the "naturalness" of Miller's sexual behavior as if this were not his own peculiar style, but nature itself.

In his foreword to the American edition of "Tropic of Cancer," Karl Shapiro fatuously wrote that there is not a smirk, not a word of exaggeration or boasting anywhere in the book, when almost everything is smirk, exaggeration and boasting. It is one of the ironies of American literature that Miller was able to charm the public with his writing about sex because he was so palpably exaggerating, so innocent in his fantasies. His boasts were so pathetically ordinary, his smirk so un-self-conscious, that they immediately found their places as part of the American adolescent dream.

In the 60's, when "Tropic of Cancer" was made available here, Americans were enchanted by the idea of sex without anxiety because they hadn't yet realized how expressive, even enhancing, anxiety can be. The idea that sex could be liberated by mere proclamation, by a miracle cure of superficial promiscuity, was as simplistic as the 30's faith in Communism.

It is only in exposing the comedy of sex, the times when the partners are confused, intimidated or exhausted by the rhetoric and rituals surrounding the act, that Miller is original. In "Tropic of Cancer" he gives a brilliant description of Carl's half-imaginary affair with a rich woman, the "flower pot" letters composed of plagiarized passages that he sends her, his inhibition and delicacy as he becomes an American again in the face of her elegance and refinement.

Miller's straight sexual passages are among the worst part of his work, and they obscure what is best in it. What he liberated or made natural was not sex, but American fiction, which in the 30's and 40's was inhibited by selfconsciousness and feelings of literary or social obligation. In the concrete incidents of "Tropic of Cancer," Miller brought a largely unprecedented naturalness to narrative prose, an intimacy that we had heard only in Celine and in, say, Dostoyevsky's "Notes From Underground." Miller's autobiographical character anticipated Philip Roth's Portnoy by 35 years.

It wasn't Miller's sexual promiscuity that was remarkable, but his indiscriminate or promiscuous acceptance of life. He gave himself up to it with an abandon that was almost unknown before him in our literature. He was a wonderful flaneur, a kind of idle anthropologist, something for which most American writers had no talent or tradition. While his relations to women were self-serving, his real love was Paris. No one has ever described the beauty and the poverty of Paris better than he did. Like Joyce and Proust, he was one of the great poets of the city.

Next to Miller, the other American writers in Paris were mere tourists. Certainly Hemingway and Fitzgerald were. But Miller came as close to Paris as Celine himself. Though not as bitter as Celine, who was after all a slum doctor, Miller was not indifferent to the ugliness and brutality of Paris life among the poor. But he saw their poverty posed against the world's most beautiful city, while the poverty and sadness of American life were mocked by the sterile boast of the modern.

Miller expatriated our literature, taught us to see ourselves in what Kenneth Burke called "a perspective by incongruity," transplanted into foreign soil. Though Orwell prissily complained that Miller's characters were idlers, Van Norden, Carl and Fillmore in "Tropic of Cancer, as well as Miller himself, were American picaresques, would-be heroes going the other way, like Wrong-Way Corrigan - not west, but back to Europe, as if their ancestors had forgotten something there that American writers had to go back and retrieve.

"A voice, a friendly American voice without humbug," Orwell said, but it was only half-true. There was in Miller's style a great deal of humbug: metaphors crawling like bedbugs, Joycean acrobatics, Celinesque snarls, Rabelaisian runs, Whitmanesque longueurs and worst of all the cracker-barrel philosophizing that suffocated the later novels.

It's as if Miller believed what was said about him and saw himself as a gargoyle atop Notre Dame, frightening away evil spirits. He began to bluster about life as he blustered about sex. He fell from a magnificent flaneur to a mere streetcorner evangelist.

<http://www.nytimes.com/1982/05/09/books/the-tropic-of-miller.html?&pagewanted=2>

ANTIQUARIAN TREASURES FOR THE BIBLIOMANIAC

By NAN ROBERTSON

Published: Friday, April 3, 1987

BIBLIOMANIA is a mental and emotional disorder that is chronic, progressive, incurable and entirely benign. Those suffering from this delightful affliction, which may or may not cost a bundle to treat, are urged to seek emergency relief at the New York Antiquarian Book Fair. It opened last night and the rare-book dealers on duty will administer first aid to all bibliomaniacs through tomorrow.

About 160 exhibitors, from Britain, France, the Netherlands, the United States and Canada, have converged on Park Avenue at 67th Street for the three-day fair. It has grown

impressively since its timid start 27 years ago, and is now lodged within the cavernous maw of the red-brick Seventh Regiment Armory.

The fair hours are 1 to 9 P.M. today and 11 A.M. to 5 P.M. tomorrow. Admission is \$7 for each day.

There are specialists in every field to be found there, selling rare books by authors spanning an enormous range. Among them are Sir Arthur Conan Doyle, Lewis Carroll, Charles Dickens, Winston Churchill, W. Somerset Maugham, J. R. R. Tolkien and Edgar Rice Burroughs.

Books on humor, which Estelle Chessid of the book-fair committee called "a new specialty among rare-book dealers," include a 1739 edition of Joe Miller's "Jests or the Wit's Vade Mecum," the precursor of many Joe Miller "joke books." A "joke manuscript," dating from 1846, is illustrated with caricatures by Edward Williams.

Books and manuscripts are not the only attraction. Rare maps, illustrations, prints, autographs, photographs, posters, pamphlets, newspapers and magazines are among the treasures on sale and display. Incunabula - the earliest of all books, printed before 1501 - are also obtainable. In addition, a page of tips for those making their first visit to an antiquarian book fair is included in the show's free directory.

First editions of books by James Thurber and S .J. Perelman cost \$25. There is a \$45,000 price tag on "La Chasse de Kaa" by Rudyard Kipling. The Kipling, issued in Paris in 1930, was illustrated by Paul Jouve and bound by Semet and Plumelle with an eggshell lacquer panel by Jean Dunand. The majority of the items, however, sell for between \$5 and \$200.

Here is a sampling of the more extraordinary finds for bibliophiles:

* A first edition in soft-cover of Henry Miller's sensational, unexpurgated "Tropic of Cancer," published in Paris in 1934 and banned in the United States as obscene until 1961, when Grove Press issued it here. The book jacket features a wonderfully lurid picture of a gigantic crab lifting a woman in a tempting state of undress in its claws (\$7,500).

* An uncorrected proof of John Lennon's "Power to the People," suppressed in London in 1972 and never published (\$2,000).

* The first complete, corrected, printed film script of "The Wizard of Oz," dated May 4, 1938, in its original blue wrappers from the files of Metro-Goldwyn-Mayer (\$7,500).

* Thomas Paine's "Rights of Man," Part I and Part II, with four additional tracts, published in London in 1791 (\$400).

* A miniature first edition of the recently discovered and controversial nine-stanza poem attributed to William Shakespeare, "Shall I Die, Shall I Fly?" (\$55).

* The "Twenty Four Books of the Holy Scriptures," the first edition in English of what was for generations the standard Jewish-American Bible, translated and annotated by Rabbi Isaac Leeser and published in Philadelphia in 1853 (\$1,750).

* A first American edition of Sir Arthur's "Hound of the Baskervilles," dated 1902, New York City, and inscribed by the author (\$2,850). Sherlockiana Display

On view will be the landmark "A Study in Scarlet," in which Holmes and Dr. Watson appeared for the first time, in an 1887 issue of Beeton's Christmas Annual, complete with the magazine's original pictorial wrappers; the only known surviving copy of "The Adventures of Sherlock Holmes" in its original dust jacket (1892), and Sir Arthur's original holograph manuscript of "The Adventure of the Mazarin Stone," bound in red morocco with a diamond inset (1921). The three items, valued at \$145,000 but not for sale, are part of the Manney Collection, New York City.

The exhibit celebrating the United States Constitution's bicentennial offers for display and sale such historic items as handwritten correspondence by the founding fathers Thomas Jefferson, Benjamin Franklin and George Washington, and the first illustrated edition of "Poor Richard's Almanac" by Franklin (Philadelphia: 1749).

Modern first editions of Edgar Rice Burroughs's "Land That Time Forgot" (1924) and Raymond Chandler's "Big Sleep" (1939) cost \$4,250 and \$2,750, respectively.

Other rarities include the first known atlas of New York state, published by David Burr in 1829, and an illustrated edition of Valverde's classic on human anatomy, "La Anatomia del Corpo Humano," issued by Giunti in Venice in 1586. They cost \$3,500 and \$1,800,

respectively. #27-Year Success Leona Rostenberg, a New York rare-book dealer and a member of the fair committee, recalled the first New York Antiquarian Book Fair 27 years ago, which was held in Steinway Hall on West 57th Street. "There were 23 exhibitors and we didn't know if anyone would come," she said. "So just to be sure, we thought we'd let the fair run six days. The first day, I looked outside and I said, 'My God - there's a line of people out there all waiting to get in!' "

The fair is sponsored by the Middle Atlantic Chapter of the Antiquarian Booksellers Association of America. Tomorrow there will be informal talks, free to the public, by the book collector Helene Hanff, author of "84 Charing Cross Road," at noon; the cartoonist Gahan Wilson on the enduring influence of Sherlock Holmes, at 1:30 P.M., and the rare-book dealer Kenneth W. Rendell on famous forgeries, including the Mormon Letters and Hitler's Diaries, at 3 P.M.

Ex-Judge John F. Scileppi, Author Of Opinion Banning Miller Novel

By DENNIS HEVESI

Published: Saturday, November 28, 1987

John F. Scileppi, a former associate justice of the New York State Court of Appeals, died of a heart attack Thursday at University Hospital in Stony Brook, L.I. He was 85 years old.

Justice Scileppi, a resident of Stony Brook who was generally considered a judicial conservative, was the author of a controversial opinion in 1967 that banned the sale in New York state of "Tropic of Cancer," a novel by Henry Miller, on the ground that it was pornographic.

Yesterday, the Chief Justice of the Court of Appeals, Sol Wachtler, called Justice Scileppi "an outstanding public servant who gave the people of this state long and faithful service."

A native of Corona, Queens, Justice Scileppi graduated from Newtown High School and received his law degree in 1925 from Fordham University.

After several years in private practice, Mr. Scileppi served as a deputy state attorney general and then as the deputy Queens County clerk. In 1939 he was elected to a seat on the Municipal Court. In 1952 he was elected to the Queens County Court and, four years later, to the State Supreme Court. Banning of Miller Novel

In 1962, he was elected to the state's highest court, the Court of Appeals, on which he served 10 years. After retiring from the high court, he served four more years on the State Supreme Court in Riverhead, L.I.

In 1963, as the newest member of the Court of Appeals, Justice Scileppi wrote the majority opinion in a 4-to-3 decision that banned Mr. Miller's book. Calling it "dirt for dirt's sake," he wrote that the book was "devoid of theme or idea" and that it contained "a constant repetition of patently offensive words used solely to convey debasing portrayals of natural and unnatural sexual experience." The United States Supreme Court later ruled that the book could not be banned.

Four years later, Judge Scileppi wrote the majority opinion in a 4-to-3 decision that upheld the constitutionality of a state law that required public schools to lend textbooks to parochial and private schools. Ruling on Name Change

In 1976, after returning to the State Supreme Court bench, he ruled that a woman named Ellen Cooperman did not have the right to change her name to Cooperperson.

Saying that granting the request "would have serious repercussions perhaps throughout the entire country," the judge cited what he called "virtually endless and increasingly inane" possibilities, such as someone named Jackson seeking to become Jackchild or a woman named Carmen wanting to be Carperson.

Justice Scileppi is survived by his wife, Katherine; two daughters, Kathleen Christman of Setauket, L.I.; and Barbara Nugent of Port Washington, L.I.; a son, John, of Andover, Mass., and 11 grandchildren.

A Mass is scheduled for 1 P.M. Monday at St. James Roman Catholic Church in Setauket. Burial will be in the church cemetery.

Masters of Self-Congratulation

By VIVIAN GORNICK

These men loved each other, and they loved being alive together. Well into their 60's and 80's, respectively, each one relished undiminished appetite in himself and in the other. That, chiefly, is the subject of this 45-year correspondence. Energy: the celebration of its existence, and the mutual encouragement to go on generating it.

In 1935 Lawrence Durrell wrote to Henry Miller: "Dear Mr. Miller: I have just read 'Tropic of Cancer' again and feel I'd like to write you a line about it. It strikes me as being the only really man-size piece of work which this century can really boast of. It's a howling triumph from the word go; and not only is it a literary and artistic smack on the bell for every one, but it really gets down on paper the blood and bowels of our time. . . . I did not imagine anything like it could be written; and yet, curiously, reading it I seemed to recognise it as something which I knew we were all ready for."

Miller replied immediately: "Dear Mr. Durrell: . . . You're the first Britisher who's written me an intelligent letter about the book. For that matter, you're the first anybody who's hit the nail on the head. I particularly prize your letter because it's the kind of letter I would have written myself had I not been the author of the book. . . . It's curious how few people know what to admire in the book. The phrase that struck me, particularly, in your letter was - 'I seem to recognize it as something we were all ready for.' That's just it."

Lawrence Durrell was a 23-year-old Englishman living on the Greek island of Corfu, and struggling to write. Henry Miller was a 44-year-old American living in Paris who had just published a scandalous book that received great attention but did not bring his spiritual isolation to an end. When Durrell's letter came Miller knew he had found the literary friend he'd been waiting for. And when Miller's answer came Durrell knew he had connected with the master of his writing dreams.

The two men did not meet until August 1937 in Paris - whereupon they talked nonstop for a week. The next year Miller made a visit to Corfu; again they gulped down conversation. After that they met periodically in Paris, London, or Athens. In December 1939 Miller returned to the United States. He and Durrell did not meet again for 20 years. Durrell spent the war in Egypt, then lived in Greece, Yugoslavia and France. Miller settled in California. Neither of them ever had both the time and the money to cross the Atlantic, but they remained hungry for the sound of each other's voices.

Durrell writes three letters for every every one of Miller's -he's younger and needier - but their moods are remarkably matched throughout the years. In the 30's Durrell writes, typically: "Listen, Miller, what I feel about it is this. To have art you've first got to have a big personality, pass it through the social mincer, get it ready for misery. Art nowadays is going to be real art, as before the flood. . . . The foundation is being quietly laid. I AM SLOWLY BUT VERY CAREFULLY AND WITHOUT ANY CONSCIOUS THOUGHT DESTROYING TIME." Miller's replies are calmer but just as eager.

What then follows is a few years of letter writing that often reads like their own early work: blocks of unparagraphed prose, dense and "gargantuan," and saturated with, You and me, geniuses together in a world that doesn't get it. Durrell addresses Miller as cher maitre, and Miller responds appropriately: " 'The Black Book' came [this is 1937] and I have opened it and I read goggle-eyed, with terror, admiration and amazement. . . . Stupendous reaches, too grand almost for any book. . . . It's brutal, obsessive, cruel, devastating, appalling."

While the letters themselves are a bit exhausting, the atmosphere they generate has great appeal. The affectionate regard between the men radiates on the page - this is the most striking element in the entire correspondence - makes them exuberant not only toward each

THE DURRELL-
MILLER LETTERS
1935-80
Edited by Ian S.
MacNiven.

other but toward life itself. Both men are filled with judgment and opinion - swift enthusiasms and swift rejections abound - but the tone is never bitter or nihilistic when negative and almost buoyant when positive. Their voices are often angry but not enraged, their thoughts distasteful but not really nasty. In each other's presence they are glad to be alive. And this from youth and early middle age down the years through a pair of very long lives.

Once the Second World War begins the letters lighten up considerably, become free and open, have about them a quick immediacy, and will in fact never again be dominated by pronouncements on Life and Art. The war affects Durrell more deeply than it can Miller sitting on his glorious mountaintop at Big Sur while Durrell watches up close the two countries he loves most (England and Greece) preparing, as he says, to die with grace - but both men are shocked by the devastation and, afterward, more eager than ever to feel the life within themselves.

Durrell writes beautifully of Greece, before and after the war. In 1938 he writes from Corfu, "It's so quiet today, and the sea so blue, and now the garden wall is built. . . . I can give you a deep cool room with two windows over the sea; bright rugs on the floor; a desk and some books. . . . We could sail and bathe in the mornings; have a fine sunny lunch with wine; then a long afternoon siesta; bathe before tea and then four hours' work in a slow rich evening." The feeling of this passage never deserts him, and when at last he's back in Athens in 1945 he writes, "Yesterday we went out in the big German office car . . . and walked right into the landscape. . . . We sat under a tree and drank red wine and talked about friends past and present and watched the blue whipping sea bursting against Turkey in great muffled blows, and the sinking crusts of islands northward. . . . Something in this landscape talks to one." Miller also writes wonderfully of Big Sur and what the Pacific Ocean does for him, but he can't touch Durrell on Greece.

From the late 40's on, for each of them, it's a succession of books written and published, travel undertaken with enthusiasm, fame responded to with gusto and wives and lovers replacing themselves nonstop and back to back. Miller at 80 is as frantic about women as he was at 40, only now it's romantic love he's after, not the cosmic orgasm. Durrell at 60 is still out chasing. Miller chides him affectionately for not realizing it's love, real love, that counts - as he himself prepares to marry for the fifth time.

The idea of women as the source of appetite renewal remains fixed, and extraordinarily unevolved in both men throughout the years. And it is the idea, not the actuality. Women without number troop through these pages. Not one of them achieves a particle of the reality the men extend each other in the slightest of their notes.

In 1944 Durrell writes from Egypt: "I think if I could get to some Greek island and live in real poverty with somebody like Gipsy Cohen I could work like a fiend. . . . Simple needs this time. A girl . . . with heart and soul and buttocks; an olive tree, a typewriter, and a few great friends like you." Eve (Gipsy) Cohen, an Egyptian Jew and the model for Justine, was to become the second of the four Mrs. Durrells. We never know any more about her than we learn here, except that 10 years later she gives trouble by having a nervous breakdown.

In 1945 Miller writes from Big Sur: "I have a wonderful cabin . . . dirt cheap - ten dollars a month. I have a young wife (21), a baby on the way probably, food in the larder, wine . . . the Pacific Ocean. . . . I open the door in the morning, look towards the sun rising over the mountains, and bless the whole world." The young wife is not heard from again until seven years later when Miller announces they're divorcing.

Both wives are quickly replaced, and their replacements will in turn be replaced. The men do not really speak badly of any of these women: badly is not to the point. Each one, to begin with, is enchanting, a godsend, and to end with, a drag and a letdown. Not one of them has any existence apart from making life comfortable and exciting for Durrell or Miller. As the years go on, the men do sometimes seem depressed over this endless business of women and love -but only until the next time.

There is another group of people as fantasized over as women and that, oddly enough, is Jews. They, too, are responded to with attraction and repulsion, and they, too, are on Durrell's and Miller's minds to an extraordinary degree. It's the idea of the Jews, of course, rather than any particular reality, that gives so much anxiety.

In the 30's, Durrell writes of "one of the whole crowd of writers who out of fear, and a deceit, gives experience the lie. I am meeting people every day like him. Mostly Jews They will not admit the claim of the artist's experience to be as valid as any so called rational truth. They have no faith. THAT IS THE JEWISH NATIONAL DISEASE, LACK OF FAITH." During this same period Miller writes, "My friend Lowenfels is an interesting but very eccentric guy. . . . Now a Communist. . . . He is undependable, erratic, has bad judgment, loud-mouthed, pushing, vulgar, thoroughly Jewish, commercial instincts, does the wrong thing always. . . . He can write. . . . There is something in him, and in his critical work."

In the early 50's, when Durrell's wife, Eve, has a breakdown from which their marriage does not recover, he writes, "Everyone had the impression that she left me because of my bad treatment of her but in fact she simply had a bout of Judeo mystical schizophrenia. The Jews are extraordinary people - the extraordinary shallow hysteria and the enormous sexual charges given by race-continenence and intermarrying. I am so glad I belong to the equivocal, sluttish uxorious Irish and not the Jews." During this same period when Miller takes a third or fourth wife he writes, "She's Scotch-Irish-French with a drop of Jewish blood in her - a fine leaven." And at the end of the decade in a long letter explaining his early life once more to Durrell he writes, "I almost fell in love with myself, horrible thought. I recorded what I saw and felt, not what was. To explain . . . it's a bit like what happened to the Jews. In the beginning there were men who talked with God. As the power or faculty dried up men began talking about God. A world of difference." Indeed.

Miller lets up on both Jews and women as he approaches 90 but in January of 1978 Durrell, now 65 and beginning the new year with another divorce, writes, "Women have become such a bore, wailing about their freedom and their alimony in the same breath. Never again this stupid adventure. I am however in good heart - the Egyptian trip did me real good, and I ran into a new Justine in Alexandria who set my poor old heartstrings twangling." By June, however, this hope of renewal has withered and, tiring of the French countryside where he lives, he travels to the capital where he experiences new distress: "Paris has become a vast RABBINAT of Jewish intellectuals chewing their own blankets and puffing each other. . . . It's terribly depressing."

Energy, high spirits, tender regard spill from these letters: and for a remarkably long time. What is missing from them is ideas, wisdom, a sense of developing experience. Knowledge is tempered over the years, but not transformed. What each one knows in the late 1970's he knew in the mid-30's. Neither Durrell nor Miller ever sees himself differently; or the world around him differently; or the people in the world differently. Other people do not become real to them. That's why each one wrote the same book over and over again.

Vivian Gornick is the author of "Fierce Attachments," a memoir.

'HENRY, HENRY, HENRY ... '

British Legation, Belgrade Sept. 5, 1949

Dear Henry:

. . . Received "Sexus" from Paris and am mid-way through volume II. I must confess I'm bitterly disappointed in it, despite the fact that it contains some of your very best writing to date. But my dear Henry, the moral vulgarity of so much of it is artistically painful. These silly, meaningless scenes which have no raison d'etre, no humour, just childish explosions of obscenity - what a pity, what a terrible pity for a major artist not to have critical sense enough to husband his forces, to keep his talent aimed at the target. What on earth possessed you to leave so much twaddle in? I understand that with your great sweeping flights you occasionally have to plough through an unrewarding tract of prose. But the strange thing is that the book gives very little feeling of real passion. The best parts burn with a new cold luminous ardour - mysticism; and you have interlarded this with chunks of puerile narrative. You won't mind my saying this, because you know that I consider you one of the greatest living masters. But really this book needs taking apart and regluing. The obscenity in it is really unworthy of you. It is just plain silly to murder the good parts of the book with this silly kind of vituperation - written so badly. The anecdote on page 24 of volume I is the kind of thing I mean. It's just painful - nothing else, and contributes nothing to what you are trying to do. I'm fearfully depressed to have to sound impertinent to a genius I admire so much - but

Henry, Henry, Henry . . . Ten minutes' thought would have saved the book. As it is it gives the air of being written by Jekyll and Hyde. . . . You will probably blow me out of the water for writing this, but I think it's better to be candid about it. . . . Love. Larry.
-- From "The Durrell-Miller Letters, 1935-80."

BOOKS OF THE TIMES; 2 Views of Henry Miller, One Harsh and One Not
By MICHIKO KAKUTANI
Published: Friday, May 17, 1991

Henry Miller A Life By Robert Ferguson Illustrated. 397 pages. W. W. Norton & Company. \$24.95. The Happiest Man Alive A Biography of Henry Miller By Mary V. Dearborn Illustrated. 368 pages. Simon & Schuster. \$24.95.

With "Tropic of Cancer," "Tropic of Capricorn," "Black Spring" and later the three volumes of "The Rosy Crucifixion" ("Sexus," "Plexus" and "Nexus"), Henry Miller blasted the bounds of conventional morality and the rules of literary convention. The books, which were banned in America until the 1960's, combined the exuberant egotism of Whitman with the outrageous invective of Celine, and they created an antic, boastful portrait of the author as lover, barbarian, seer, seeker and sexual conquistador. In a letter about "Tropic of Cancer," Miller once underscored the book's autobiographical nature. "I don't use 'heroes,' incidentally," he wrote, "nor do I write novels. I am the hero, and the book is myself."

There was a good deal of myth-making at work in these books, of course, and now, in the centennial year of Miller's birth, two new biographies of the author have appeared that try to sort out the truth of his life. The first is "Henry Miller: A Life," a thoughtful and sympathetic study by Robert Ferguson, the author of a biography of the Norwegian writer Knut Hamsun. The second is a considerably glibber and more impatient volume called "The Happiest Man Alive: A Biography of Henry Miller" by Mary V. Dearborn, the author of "Pocahontas's Daughters: Gender and Ethnicity in American Culture."

Both books give brisk, readable accounts of Miller's early years in New York and Paris and his struggles to pay the bills while continuing to try to write. Both books also give the reader vivid accounts of Miller's tempestuous relationship with June Smith (or June Mansfield, as she was also known), the taxi dancer and aspiring actress who, in Mr. Ferguson's words, would take Miller's life and "fill it with enough 'tragic events' to keep him writing for the next 40 years."

It is in their portraits of June that the two biographers really begin to diverge. Ms. Dearborn tends to see June Smith as an unstable con woman intent on luring Miller into an emotional trap. She argues that June Smith "surrounded herself with chaos," that deception "was second nature to her." Ms. Dearborn similarly portrays Anais Nin, Miller's longtime mistress and patron in Paris, as a manipulative woman whose "whims and sudden chilliness" caused Miller much pain.

Mr. Ferguson, on his part, is less judgmental and more analytical. He argues that Miller saw June Smith as a symbol of the American dream -- an alluring and "unreal sex-goddess" who would help him throw off the last remnants of respectability. He stresses the literary nature of their involvement -- their favorite authors, Dostoyevsky, Strindberg and Hamsun defined "the atmosphere and often even the conduct of this love affair" -- and he argues that Miller wanted an involvement with June Smith to write about her.

As for Anais Nin, Mr. Ferguson initially portrays her as a kind of Lady Chatterley -- eager to escape her bourgeois marriage and tantalized by Miller's hectic vitality. He underscores the intellectual interests she shared with Miller and their mutual habit of self-scrutiny.

Although both Mr. Ferguson and Ms. Dearborn agree that writing provided Miller with a mission and a means of redeeming his life, they articulate dramatically different views of his life and his work.

Ms. Dearborn focuses considerable attention on Miller's attitudes toward women, and like many feminists she contends that "he gave voice to certain male attitudes that reflect the

deep sexual neuroses of 20th-century American culture." His story, she writes "is a story of 20th-century male identity."

Mr. Ferguson, in contrast, argues that feminists like Kate Millett -- the author of a famous attack on Miller, Norman Mailer and D. H. Lawrence -- fail to "appreciate the extent to which the 'Henry Miller' whom she was considering was not a typical man, but rather a fantasy figure whose anarchic clowning and preposterous sexual boasting provided valuable light relief from the strains of responsible living for the Prufrocks which so many men are at heart." Not surprisingly, Mr. Ferguson and Ms. Dearborn also differ in their assessment of Miller's literary persona. Ms. Dearborn characterizes "Tropic of Cancer" as a willfully harsh and brutal book, devoid of sentiment; and she repeatedly points out that Anais Nin and many of his other friends and acquaintances were "fascinated by the contrast between the coarseness of Miller's writing and his personal gentleness and romanticism."

Mr. Ferguson, in contrast, argues that women who met Miller had a tendency to believe "the literary self-portrait of himself as the adorer of Woman and the prophet of complete submission to Her." As a result, they became involved with him, only to discover that "he was unable to open himself to them as an equal and a friend."

The two biographers' portraits of Miller during the 1960's similarly present the reader with a contradiction. While Mr. Ferguson simply says that Miller had become "an avuncular and much-loved figure throughout the world," Ms. Dearborn suggests he was dismayed at being "taken for a 'character' rather than a distinguished artist." "He had become," she writes, "what he had most feared: the King of Smut."

Confusing as such contradictory readings of Miller's life might seem, they are perhaps not wholly unexpected, given the fiercely subjective reactions his work has always engendered and his own penchant for reinventing his life. Having spent his entire career mythologizing his own experiences and the experiences of everyone he knew, he has fittingly become, a decade after his death, the subject of other people's theories and interpretations.

<http://www.nytimes.com/1991/05/17/books/books-of-the-times-2-views-of-henry-miller-one-harsh-and-one-not.html?scp=6&sq=henry%20miller%20+%20tropic%20of%20cancer&st=cse>

BOOKS OF THE TIMES; Cultural Cavalcade of Paris Before Disaster Struck

By RICHARD BERNSTEIN

Published: Friday, November 24, 2000

THE TWILIGHT YEARS

Paris in the 1930's

By William Wiser

Illustrated. 292 pages. Carroll & Graf. \$26.

Paris during the decade leading up to the German occupation is a topic already well covered by numerous writers -- among them William Shirer, Janet Flanner, Henry Miller, and George Orwell -- along with many historians and biographers. So not surprisingly "The Twilight Years" by the novelist William Wiser has a familiar ring to it. Mr. Wiser's book mostly follows the bohemian and literary elite that lived in Paris from roughly 1930 to 1940, tracing an arc that goes from the fireworks of hedonism to the fires of the war.

And yet "The Twilight Years" is engagingly written, and Mr. Wiser has panned the rapid river of a decade of Parisian life for its best nuggets. He has written an enjoyably gossipy book with a cast of characters already famous for having lived in Paris in the years under Mr. Wiser's purview. Their stories, both familiar and unfamiliar, inspire a valedictory mood, a kind of sorrow for the famously self-indulgent but brilliant world that was destroyed in the Nazi invasion and was never seen again, in Paris or elsewhere.

Mr. Wiser, one of whose earlier nonfiction books is "The Crazy Years: Paris in the 20's," begins with the arrival of the avidly adolescent 40-year-old Henry Miller in Paris, a few years

before he became famous with the publication of "Tropic of Cancer." It ends with Sylvia Beach, the legendary proprietor of the bookstore Shakespeare & Company, responding to the German occupation by moving books to the fourth floor of her building, each volume "like a person, the book's author, being sheltered and kept hidden until . . . well, until a new Age of Reason."

Between the two events lies Mr. Wiser's collection of profiles and anecdotes, which read a bit like an extended issue of the *Vanity Fair* of the era. It is a tragicomedy of manners whose main themes are the scandalous pitfalls of genius, the struggle of exiles with poverty and the quest for erotic intensity.

One striking feature of Mr. Wiser's book is the relative invisibility of French people in it. A few well-known figures, like Jean-Paul Sartre, Jean Cocteau and Simone de Beauvoir, play walk-on roles. Important matters like the Popular Front government of Leon Blum are mentioned only in passing. The perfumer Francois Coty and the fashion designer Coco Chanel have substantial parts. Near the end, as war looms, Mr. Wiser furnishes portraits of the country's political leaders, especially Edouard Daladier and Paul Reynaud, with a stress on their relationships to their high-society mistresses and their ineptitude.

Mr. Wiser's brushes with French political and military history from, say, the Munich appeasement to the German invasion repeat most of the conventional assumptions about French behavior during this time, but they do not represent original scholarship and are not to be taken as definitive.

Mr. Wiser's most important protagonists are the foreigners in Paris, or such figures of foreign origin as Anais Nin, the photographer Brassai (who was born Gyula Haldas in Transylvania), the couturier Elsa Schiaparelli and various East European artists and writers, from Jules Pascin to Vladimir Nabokov.

Mr. Wiser gives a good deal of space to Miller and his stormy, very bohemian love affair with Nin. Miller in a sense is the ideal exemplar of Mr. Wiser's larger cast of characters, the man unable to realize himself in his puritanical homeland whose energetic encounter with bracing poverty and anything-goes eroticism in Paris is not only liberating but also leads to artistic success.

At one point, Miller, utterly broke, dependent on unreliable remittances from his wife in the United States, took a job as a teacher in Dijon, but he lasted only a week. He described 60,000 or 70,000 people, "perhaps more -- wrapped in woolen underwear and nowhere to go and nothing to do."

A great deal of what Mr. Wiser writes has been seen in other accounts more than once. He tells the story of Picasso's painting of his antifascist masterpiece "Guernica"; he retells the story of the Stavisky scandal, centering on the Russian-Jewish con artist who almost brought down the French government in the winter of 1933-34. He sketches in the political conflicts in France, especially the right-wing attack on Parliament in 1934 that is one of the main events of French history during what Eugen Weber, one of the several distinguished historians who has chronicled this period, called "the hollow years."

Mr. Wiser also evokes the contradictory nature of France, a refuge for the homeless and the persecuted and at the same time a place where the fascist jackboot rattled the pavement:

"The name Stavisky eventually trailed such malodorous fumes that President Lebrun refused to bestow the Legion d'Honneur on composer Igor Stravinsky for fear the public would confuse the names," Mr. Wiser writes. A few years later, the outcry against the flood of refugees, especially Jews, was so strong that President Gaston Doumergue rescinded an offer of a chair in physics at the College de France made to the exiled Albert Einstein.

Most of what Mr. Wiser presents is mined from other books, and while this shows wide reading in secondary sources, it does not represent much original research. Thus, for example, his story of Vladimir Nabokov unhappily wandering the Jardin des Plantes and first thinking of the idea for the story that would become "Lolita" is taken from the afterword to the novel. His account of Nin's visit with her nervous husband Hugo to a lesbian sexual performance on the Rue Blondel comes from Nin's diaries. His account of the murders of their employer and her daughter committed in 1933 by the insane sisters Christine and Lea

Papin was reported in *The New Yorker* by Janet Flanner and was the inspiration for Jean Genet's play "The Maids."

But these are all good stories, and they are well retold by Mr. Wiser, whose distillation of a vast body of material produces a flavorful and instructive brew. "The Twilight Years" is handsomely illustrated with period photographs: Sylvia Beach looking delicately severe under a man's fedora, James Joyce peering at a book through a magnifying glass, an almost nude Josephine Baker performing, the Papin sisters with madness glinting in their eyes, and many others. It may not be original, but Mr. Wiser's book is fascinating and affecting all the same.

Publisher Who Fought Puritanism, and Won

By [CHARLES McGRATH](#)

Published: September 23, 2008

In its heyday during the 1960s, Grove Press was famous for publishing books nobody else would touch. The Grove list included writers like [Samuel Beckett](#), Jean Genet, [William S. Burroughs](#), [Che Guevara](#) and [Malcolm X](#), and the books, with their distinctive black-and-white covers, were reliably ahead of their time and often fascinated by sex.

[Skip to next paragraph](#) Barney Rosset, publisher of Grove Press, in 1967, in a scene from the documentary "Obscene."

Related

['The Time of Their Lives,' by Al Silverman: One for the Books](#) (September 14, 2008)

The same was, and is, true of Grove's maverick publisher, Barney Rosset, who loved highbrow literature but also brought out a very profitable line of Victorian spanking porn.

On Nov. 19 Mr. Rosset will receive a lifetime achievement award from the National Book Foundation in honor of his many contributions to American publishing, especially his groundbreaking legal battles to print uncensored versions of "[Lady Chatterley's Lover](#)" and Henry Miller's "[Tropic of Cancer](#)." He is also the subject of "[Obscene](#)," a documentary by Neil Ortenberg and Daniel O'Connor, which opens on Friday at Cinema Village.

Mr. Ortenberg and Mr. O'Connor are themselves refugees from book publishing, and this is their first film. "Barney was basically my idol, my mentor and my role model for most of my publishing career," said Mr. Ortenberg, who used to run Thunder's Mouth Press, publisher of, among other books, "The Outlaw Bible of American Literature." "I just thought, here was a great story about a major cultural impresario most people don't know about. It was just dumb beginner's luck, I guess. I had had a lot of experience with intellectual content, and I knew something about editing, and the movie was small enough that whatever mistakes we made, they didn't wind up costing huge amounts. We learned as we went along."

The documentary has a literary rock score — songs by [Bob Dylan](#), [the Doors](#), [Warren Zevon](#) and [Patti Smith](#) — and includes, in addition to the usual talking heads, some surprising archival footage. There's an excerpt from [Al Goldstein](#)'s old cable television show, "[Midnight Blue](#)," in which Mr. Goldstein quizzes Mr. Rosset about his four marriages and in general interviews him not as a major cultural figure but as a fellow smut peddler. There are clips of Europe that Mr. Rosset filmed as a teenager (his father, unfortunately, instructed him to keep the camera moving constantly), some footage he took during World War II and some poignant home movies of Mr. Rosset cavorting with his family on his Hamptons estate. Mr. Rosset, who made and squandered several fortunes, eventually had to unload the place to cover his losses.

"I had a very good publishing career, but not money-wise," he once said. "We got rid of the money."



The documentary makes the point that Mr. Rosset originally wanted to be a filmmaker himself. He grew up in Chicago, the son of a banker, and went to the Francis W. Parker School, a place so progressive that according to Mr. Rosset, the teachers arranged for the students to sleep with one another.

His best friend there was [Haskell Wexler](#), the great cinematographer. Mr. Rosset was an Army photographer during the war and afterward produced a documentary by Leo Hurwitz, called “Strange Victory,” about how America, though victorious on the world stage, was still losing the war against racism at home.

In 1951 Mr. Rosset got into publishing by accident when, at the suggestion of his ex-wife, he took over a stillborn company called Grove Press, whose entire list consisted of three reprints: Melville’s novel [“The Confidence Man,”](#) some writings by Aphra Behn and a volume of poems by Richard Crashaw. He quickly turned the company into what he later called “a breach in the dam of American Puritanism — a whiplashing live cable of zeitgeist.”

And yet, as the documentary suggests, he never completely lost his infatuation with film, and in the end it helped bring the company down. In the late ’60s Mr. Rosset made a killing distributing the sexually explicit Swedish film “I Am Curious (Yellow),” and he thought he could repeat the trick with other European imports, none of which found much of an audience. He also made some bad real estate decisions and in 1985 was forced to sell Grove, though he hung on to his magazine, Evergreen Review, which he continues to publish online at [evergreenreview.com](#).

Now 86 and a little shrunken, Mr. Rosset, who has just finished writing an autobiography, lives with Astrid Myers in a fourth-floor walkup near Union Square. There is a pool table in the living room, and the walls are lined with loose-leaf binders containing Grove-related photos and correspondence. Over a rum and Coke the other evening, Mr. Rosset recalled that in the famous 1959 obscenity case he had used [“Lady Chatterley”](#) as a kind of stalking horse for Miller’s “Tropic of Cancer,” a book he had discovered in college but whose raunchiness he thought would have a much tougher time in the courts.

“I loved that book,” he said. “When I was a young man, it never occurred to me that it was about sex. What interested me was that Miller didn’t like Americans very much.”

He went to California to meet Miller, Mr. Rosset recalled, and Miller refused to sell him the rights. “He had all sorts of silly reasons,” Mr. Rosset said. “Too many people would have it. It might become a college textbook.” Mr. Rosset eventually secured the book through the intervention of Maurice Girodias, the publisher of the Olympia Press in Paris, and Heinrich Ledig-Rowohlt, Miller’s German publisher.

In 1961 he set about the very expensive business of fighting for the book in the courts. “The greatest joy that came out of my life in publishing was when ‘Tropic of Cancer’ went on trial in Chicago,” Mr. Rosset said. “The judge was a friend of my father’s, and at one point when the prosecutor accused me of just trying to make money, I took out my Henry Miller term paper from [Swarthmore College](#) and read from it. I remember leaving the courtroom and somehow getting lost going home. It was snowing. But I was so happy that I thought, ‘If I fall down and die right here, it will be fine.’”

Mr. Rosset went on: “All my life I followed the things that I liked — people, things, books — and when things were offered to me, I published them. I never did anything I really didn’t like. I had no set plan, but on the other hand we sometimes found ourselves on a trail. For example, out of Beckett came Pinter, and Pinter was responsible for Mamet. It was like a baseball team — Mamet to Pinter to Beckett.”

Mr. Rosset sipped from his drink and smiled. “Should we have had more of a business plan?” he added. “Probably. But then the publishers that did have business plans didn’t do any better.”

This article has been revised to reflect the following correction:

Correction: September 30, 2008

An article on Wednesday about Barney Rosset and his career as publisher of Grove Press misstated his role in the creation of the documentary film “Strange Victory” after he served as an Army photographer in World War II. The film was made by Leo Hurwitz — not by Mr. Rosset, who was a producer.

TWO 'TROPIC' NOVELS NAMED IN U.S. SUIT

September 26, 1959, Saturday

Page 2, 251 words

The Government yesterday moved once more against Henry Miller's long-banned novels "Tropic of Cancer" and "Tropic of Capricorn."

FRENCH ASSAIL U.S. BOOKS; Moral League Sues Publisher of Henry Miller Novels

Special to THE NEW YORK TIMES.

November 17, 1946, Sunday

Page 47, 165 words

HENRY MILLER BAN TO BE DEFIED HERE; Grove Planning to Reprint 'Tropic of Cancer,' Novel Outlawed as Obscene MAY FACE COURT TEST Case Recalls That of 'Lady Chatterley's Lover' -- Author Gets \$50,000

By PHILIP BENJAMIN

April 25, 1961, Tuesday

Section: food fashions family furnishings, Page 37, 451 words

Grove Press announced yesterday that it planned to reprint Henry Miller's "Tropic of Cancer," a book that has never legally been permitted in this country.

'TROPIC OF CANCER' IS RULED OBSCENE; Court of Appeals Reverses Syracuse Court Finding in 4-to-3 Decision BOOK BANNED IN STATE Majority Describes Writing as Compilation of 'Dirt' --Appeal Indicated Dissenting Opinions Refers to Guidelines 'TROPIC OF CANCER' IS RULED OBSCENE

By DOUGLAS DALES Special to The New York Times

July 11, 1963, Thursday

Page 30, 713 words

ALBANY, July 10--The state's highest court held in a 4-to-3 decision today that Henry Miller's "Tropic of Cancer" is obscene under New York's obscenity law. [END OF FIRST PARAGRAPH]

COURT VOIDS BAN ON 'TROPIC' BOOK; Frees Henry Miller Novel -- 'The Lovers' Approved

Special to The New York Times.

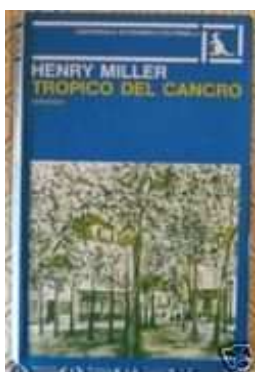
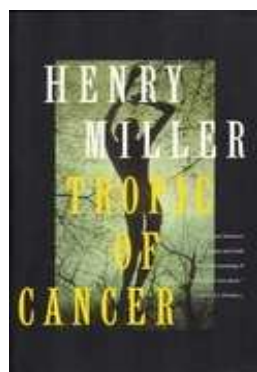
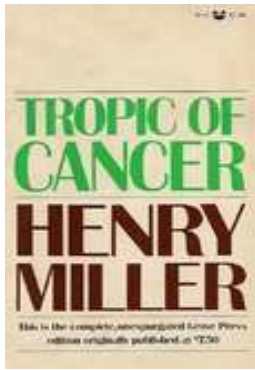
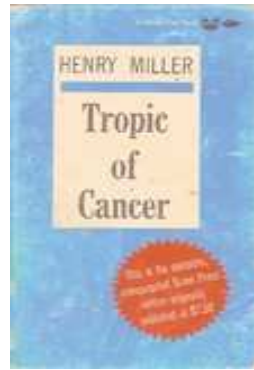
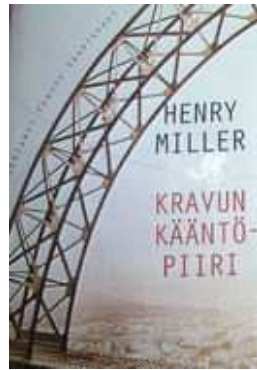
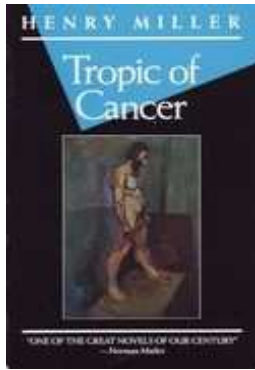
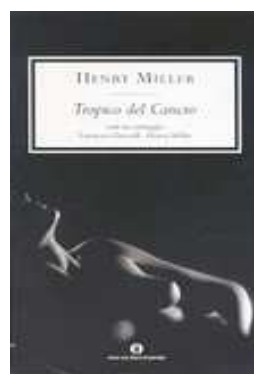
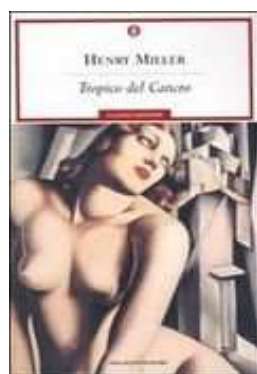
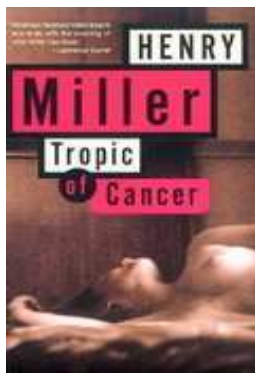
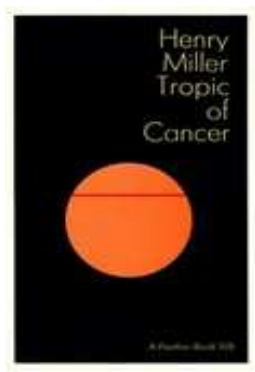
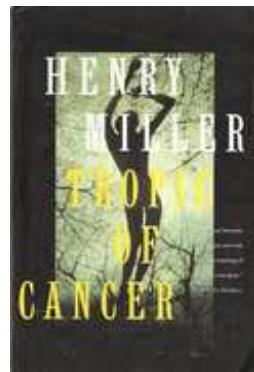
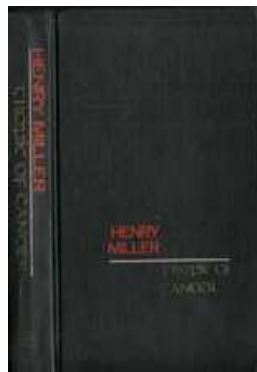
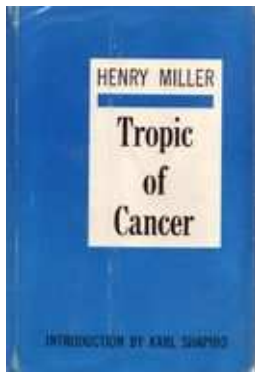
June 23, 1964, Tuesday

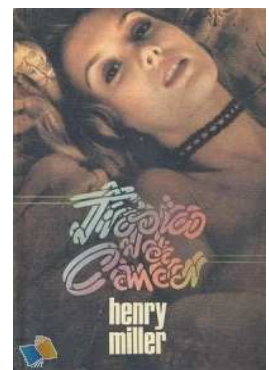
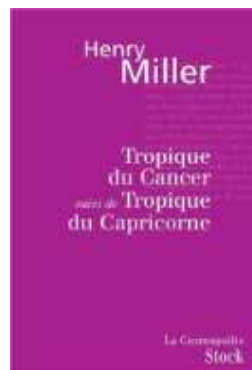
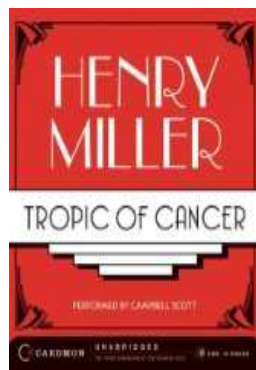
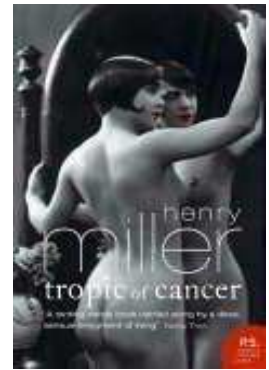
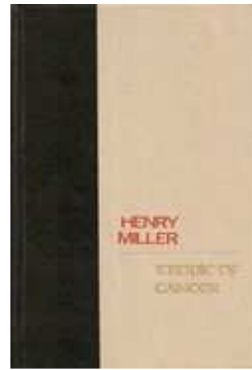
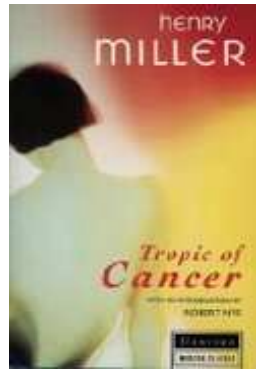
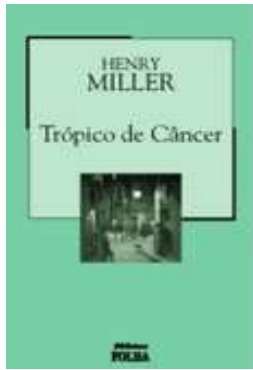
Page 26, 548 words

WASHINGTON, June 22 -- The Supreme Court held today that Henry Miller's "Tropic of Cancer" may not constitutionally be banned.

Anexo II

Exemplos de capas editadas em diversos países em diversas línguas





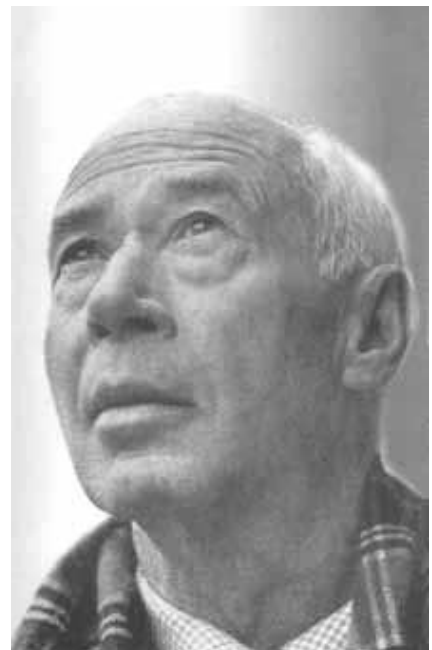
Anexo III



Drama de 1990

All through modern times it seems to be expected of the artist that he be a martyr, first as a failure, then as a success. One doesn't know which heaven or which hell is preferable. One has no choice.

Henry Miller



Henry Miller 1891 - 1981